



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

DAIANA DOS SANTOS DIAS

UM OLHAR AFROCENTRADO SOBRE AS MULHERES KALUNGA DA
COMUNIDADE DE VÃO DE ALMAS – CAVALCANTE –GO

PLANALTINA-DF

2017

DAIANA DOS SANTOS DIAS

**UM OLHAR AFROCENTRADO SOBRE AS MULHERES KALUNGA DA
COMUNIDADE DE VÃO DE ALMAS – CAVALCANTE –GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB de Planaltina-FUP-UnB, para obtenção de título de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Joelma Rodrigues da Silva

PLANALTINA-DF

2017

UM OLHAR AFROCENTRADO SOBRE AS MULHERES KALUNGA DA COMUNIDADE DE VÃO DE ALMAS – CAVALCANTE –GO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB de Planaltina-FUP-UnB, para obtenção de título de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em 07 de Dezembro de 2017.

Professora Dra. Joelma Rodrigues da Silva (Orientadora, FUP-UnB).

Professora Dra. Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino

Professora Dra. Regina Coely Fernandes Saraiva

Dedico este trabalho em memória a minha vó Anacleta e todas aquelas mulheres que ajudaram na existência na comunidade e que não estão em nosso meio. Dedico também a cada mulher negra Kalunga que não teve a oportunidade de frequentarem a escolarização, mas que com seus saberes empíricos mantem suas vidas dentro ou fora da comunidade de origem. Dedico também a minha mãe que derrubou vários obstáculos para criar a mim e minhas irmãs.

Eu disse: meu sonho é escrever
Responde o branco: ela é louca
O que negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.

(Carolina Maria de Jesus).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela fé que tenho aos santos e santas que venero, acredito que nas batalhas vencidas no decorrer de minha vida, fui e sou abençoada por eles/elas.

À minha família por ter me ajudado a ficar no curso até o final, de um modo especial a minha mãe Maria dos Santos Rosa, por ter cuidado das minhas filhas Brenda Rodrigues e Maria Eduarda Dias Ferreira, com tanto cuidado, a ponto de parar sua vida por conta delas. Agradeço também as minhas filhas por terem me apoiado também na realização desse curso, pois foram capazes de entender a minha ausência em algumas fases de suas vidas. Não posso deixar de agradecer também as minhas irmãs Ieda dos Santos Dias e Shirley dos Santos Dias, que também ajudaram a cuidar das minhas filhas, onde me substituíram nas reuniões escolares e em qualquer espaço que fosse necessário.

Ao meu companheiro Arivaldo Ferreira da Silva, que também ajudava a minha mãe com as meninas, e por durante esses anos me trazer para a faculdade, evitando assim um gasto maior com as passagens.

A minha tia Doralice Pereira Dias e seus filhos Amanda e Bruno, que muitas vezes me ajudaram com as despesas e também com apoio e incentivo para permanecer no curso.

Aos parentes e amigos/as que muitas vezes me aconselharam a não desistir do curso, nossos diálogos também me auxiliaram nas pesquisas. De um modo especial a minha tia e amiga Santa Dias dos Santos, que quando precisei sempre me ajudou e me aceitou dando moradia e entrevistas. Agradeço também ao meu tio/padrinho João da Cunha que junto a sua esposa Santa me recebeu e me ajudou bastante durante este curso, e também a minha amiga Maura Lúcia, que muitas vezes me ajudou na compreensão de alguns textos.

Ao tio Camilo Dos Santos Rosa que mesmo diante de seu estado de saúde debilitado, queria me ajudar durante as pesquisas, mas devido essa circunstância, não pode, porém, com suas palavras sábias me aconselhou desde o começo do curso.

À minha querida orientadora Joelma, pela paciência que teve em me ajudar na construção deste trabalho

A todos e todas educadores e educadoras que me ajudaram nos estágios supervisionado: Adão, Iberacy, Eva, Irene, Maria José, Maria da Conceição, Eriene e toda equipe escolar.

A todas as minhas depoentes que com carinho cederam o seu tempo para me ajudar na realização deste trabalho.

Ao tio Faustino que desde o início me ofereceu ajuda, e quando precisei me ajudou bastante.

Agradeço a toda equipe administrativa e técnica da LEdoC. Agradeço com muito carinho a cada educador/educadora da LEdoC, que com seus conhecimentos tiveram paciência em nos conduzir neste processo de formação.

A minha turma “Turma Margarida Alves” pela amizade e companhia. De um modo especial as colegas que me incentivaram na permanência do curso sempre que a fraqueza batia. Entre esses estão: Bárbara, Maria Balbina, Graziella, Fernanda Patrícia, Viviane, Vanelha, Ivia, Maria de Fátima, Mercí, Ester

A Juliana Fernanda, que quando precise me ajudava na formatação do computador.

A minha madrinha Josina e minha tia Erotildes que assim como muitos me serviram de referência e força para permanecer estudando.

Ao Programa de Bolsa Permanência- MEC, por ter disponibilizado o benefício, que sem ele eu jamais teria permanecido na LEdoC.

Resumo: Este trabalho aborda os fazeres das mulheres Kalungas da comunidade de Vão de Almas no município de Cavalcante de Goiás. O objetivo da pesquisa era analisar falas sobre os fazeres diários das mulheres quilombolas, para compreender como essas atividades contribuem para a economia da família, quais são suas contribuições na comunidade e como são desenvolvidos em uma comunidade onde o patriarcado e a desigualdade de gênero ainda são muito presentes. Para a realização desta pesquisa utilizei da pesquisa qualitativa, onde foi feita entrevistas com dez mulheres moradoras da comunidade entre as idades de 42 a 78 anos. Para melhor desenvolver este trabalho, foi preciso trabalhar com algumas categorias relacionada ao tem. As categorias abordadas foram: matriarcado, patriarcado, trabalho, mulherismo africana e afrocentricidade que uma teoria que nos leva a desenvolver a nossa história de acordo com a verdadeira historicidade da localização e também uma forma de tornar os sujeitos autoconsciente da sua própria história. O resultado obtido nesta pesquisa, revela que mesmo diante do machismo e da desigualdade de gênero essas mulheres possuem autonomia na comunidade e ajudam no desenvolvimento da comunidade.

Palavras-chave: Matriarcado, mulheres Kalunga, cultura, resistência.

Lista de figuras

Figura 1-Dona Getúlia comunidade Vão de Almas, festejo de Nossa Senhora D'Abadia - 46

Figura 2-Dona Santa, no rio Capivara lavando louças - 47

Figura 3- Dona Dirani (, Comunidade Vão de Almas, na sua casa. - 48

Figura 4- Dona Jandira, Comunidade Vão de Almas, festejo de Nossa Senhora D'Abadia - 52

Figura 5- Dona Luzia, Comunidade Vão de Almas, sentada ao chão mostrando as plantas medicinais que tem em casa. - 53

Figura 6- Dona Deusami, sentada embaixo do pé de manga. - 54

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I- ASPECTOS METODOLÓGICOS	14
I.1. Formação da Pesquisadora-Autora	15
I.1.1. Memorial	15
I.1.2. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo	24
I.1. 3. Espaço da Pesquisa	26
I.1.4. Justificativa	31
I.1.5. Procedimentos da Pesquisa	32
I.1.6. PERGUNTA DE PESQUISA	33
I.1.7. Objetivos	33
Geral	33
Específicos	34
1.8. Sujeitos da Pesquisa	34
Capitulo II – AS CATEGORIAS “SUPORTE”	37
a) Matriarcado	37
b) Patriarcado	38
c) Trabalho	39
d) Afrocentricidade	41
e) Mulherismo Africana	42
CAPÍTULO III - Matrizes africanas na comunidade de Vão de Almas	44
III.1. As mulheres de Vão de Almas: suas histórias de vida	45
III.2. A mulher Kalunga e suas relações	55
III.2.1. Casa, quintal e roça	56
III.2.2. As águas	59
III.2.3. As matas	63
III.2.4. O Sagrado	64
III.2.5. A Saúde	67
III.2.6. A Linguagem	69
III.2.7. A Educação	72
III.2.8. Associações	73
Considerações finais	76
ANEXO 1	78

QUESTÕES DE PESQUISA	78
bibliografia	80

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa desenvolver o tema “Um Olhar Afrocentrado Sobre as Mulheres Kalunga da Comunidade de Vão de Almas – Cavalcante Goiás”.

Percebendo que nós mulheres ocupamos de várias funções e que essas funções são vistas como algo natural, eu me sentia incomodada, porque para a mulher e o homem existe a divisão de tarefas, porém, nós mulheres realizamos o que se diz ser trabalho do homem, mas que esses trabalhos não são vistos como trabalho, mas sim como obrigação e que não são remuneradas. No entanto, quando o que o homem faz e que é algo que se diz obrigação da mulher, ele é visto como algo grandioso, ou seja, se torna visível e o que a mulher faz invisível e naturalizado. Tendo isso em vista procurei neste trabalho mostrar o quanto os fazeres das mulheres são de fundamental importância para o desenvolvimento da sociedade, e quando se trata de comunidades esses fazeres dobram pois vem também a preservação e valorização da memória dos ancestrais, pois foram os primeiros a desenvolver o lugar de ocupação do território, e dessa criação se desenvolveu todo um sistema para manutenção dos povos da comunidade.

A importância dessa pesquisa visa dar visibilidade as mulheres Kalungas de Vão de Almas, mostrando que os seus fazeres trespassa a cozinha, pois são mulheres detentoras de saberes que contribuem para o desenvolvimento da comunidade e de sua preservação. São mulheres descendentes de pessoas que foram escravizadas, e que criam um meio de resistência dentro de uma comunidade de difícil acesso, mas que possui grandes riquezas. Mulheres Kalungas, negras possuidora de lindas histórias, são felizes, acolhedoras. São mulheres que desde pequenas adquirem com as mais velhas a força e coragem para enfrentar os desafios da vida ao lado da família.

São mulheres que convivem com o machismo, com o patriarcado, e a desigualdade de gênero, mas que não baixam suas cabeças por qualquer coisa, e que vão ou já foram à luta com muito trabalho, para assim conquistar algo.

Para a realização deste trabalho buscamos algumas teorias que nos fazem pensar o papel de sujeitos na sociedade, dentre esses sujeitos estão as mulheres e de um modo especial este trabalho abrange as mulheres negras Kalungas do Vão

de Almas, onde tive a oportunidade de entrevistar algumas dessas mulheres. Com a leitura das categorias como suporte, tais como: patriarcado, matriarcado, trabalho, mulherismo africana e afrocentricidade. Todas essas teorias são de suma importância, porém, as que me chama a atenção é mulherismo africana e afrocentricidade, pois ambas trazem um olhar sobre o contexto histórico da sociedade em si. No entanto, essas nos mostra o quanto é importante estarmos atentos as nossas história de maneira que não nos prendamos ao eurocentrismo, buscando assim afundo a verdadeira história sobre nossos ancestrais.

No mulherismo africana, ela nos chama atenção ao poderio da mulher na luta e resistência desde o início da humanidade quando a sociedade passava pela escravização sofrida pelo continente africano. Então desde antes as mulheres tem uma grande importância na sociedade, mas que muitas vezes não são percebidas.

Já a afrocentricidade nos dá a chance de pertencimento e reconhecimento de quem somos e falar sobre nós mesmo de maneira que abranja tudo que nos envolve, pois temos memórias e histórias que precisa ser contadas por quem as conhece definitivamente e vivencia.

Esse trabalho se divide em três capítulos. O primeiro capítulo está composto pelo aspecto metodológico, e também sobre o memorial da autora, sua ingressão no curso da LEdoC, sua relação com a escolha do tema. Já no segundo capítulo, foram apresentadas as principais categorias está relaciona ao tema em estudo e para melhor compreensão sobre o que está sendo dito.

O terceiro capítulo apresenta o resultado da pesquisa em si, e onde há parte da história dessas mulheres Kalungas, que representam muitas outras mulheres negras e Kalungas, e também a relação dessas mulheres com diferentes aspectos que envolvem suas vidas dentro da comunidade.

CAPITULO I- ASPECTOS METODOLÓGICOS

Atualmente, a necessidade das camadas populares serem protagonistas das pesquisas sobre seu entorno, tem sido reconhecida como essencial para a academia, para a educação formal. Entendemos que os movimentos sociais são os grandes defensores dessa perspectiva, buscando conquistar o que é direito de toda a sociedade e não de uma minoria. Os direitos são: direito a educação, saúde, reforma agrária e tudo que é abarcado pelas políticas públicas, que deveriam contemplar as classes menos favorecidas (ARROYO,2007). Enquanto esses recursos e esses direitos não chegam, os movimentos sociais trabalham em coletivo por políticas públicas e garantia de acesso ao conhecimento formal e de serem reconhecidos como sujeitos que também produzem conhecimentos, pois mesmo que não tenham conhecimento científico, têm o conhecimento de mundo, que lhes fornece subsídios para lutar (ARROYO, 2007).

Contudo, segundo Miguel Arroyo (2007), tendo os seus conhecimentos de mundo, a classe trabalhadora possui conjuntos de saberes que são de suma importância, mas é também de suma importância ter outros olhares sobre o meio onde vivem e sobrevivem. E nada melhor, do que partir da própria realidade onde eles mesmos possam ser pesquisadores e não mais sujeitos pesquisados, pois a necessidade de ter acesso ao conhecimento é um meio de se politizarem para atuar e transformar a própria realidade partindo de um problema concreto, refletir sobre o que possa ser pesquisado não apenas de forma descritiva. A luta dos Movimentos Sociais é para contemplar toda a sua classe de maneira que uma formação coletiva é vista para eles de grande importância, e juntos lutam para o fim das desigualdades que constituem nosso país.

Portanto, essa disputa por conhecimento entre classe trabalhadora e classe que detém o poder ela é longa, pois para quem detém o conhecimento, a classe trabalhadora não tem tanto potencial de frequentar ou ter acesso a outros tipos de conhecimentos. E é por isso, que há anos os Movimentos Sociais em suas lutas vem lutando para derrubar os paradigmas de uma educação diferenciada entre as classes. Pode até ser diferenciada, contando que ela seja de qualidade e que atenda as demandas e necessidades da classe trabalhadora de maneira que respeite as suas diversidades, pois a educação que se diz para todos não contempla e nem abrange toda humanidade.

Sendo o conhecimento de pesquisa, domínio da classe burguesa, ele se torna restrito à classe trabalhadora.

O conhecimento é um direito humano, uma necessidade dos trabalhadores, é uma maneira também de emancipação humana, de romper com as lógicas do capital, dando assim uma maior valorização para culturas e identidades.

Assim, a pesquisa realizada na comunidade da qual me sinto parte, onde minha mãe nasceu e foi criada, acredito que ela possa nos ajudar a compreender e entender o porquê de alguns comportamentos que, ao invés de nos constituir como seres merecedores de respeito, capazes de valorizar o outro, muitas vezes leva-nos a nos reprimir e a não reconhecer a humanidade do outro, apenas por ser do sexo oposto.

Quando me decidi a fazer essa pesquisa na minha comunidade, não foi com o intuito de expor a comunidade, mas sim de trabalhar um tema que a meu ver está muito presente na sociedade, percebe-se a necessidade de melhor compreender algumas ideologias em torno do assunto e descobrir como algumas mulheres da comunidade desenvolvem suas atividades domésticas e também aquelas atividades que dizem ser masculinas. Com essa pesquisa acredito que poderemos questionar algumas ideologias em torno das mulheres, principalmente das mulheres quilombolas, que não se ocupam apenas de fazeres domésticos ou com a lida da roça de toco.

I. 1. Formação da Pesquisadora-Autora

Nesse momento apresentarei a história de vida da autora, sua trajetória até a universidade e o contexto de pesquisa.

I. 1.1. Memorial

Recebi o nome de Daiana por indicação da minha vó paterna, eu assino Daiana dos Santos Dias. Nasci no Hospital Regional de Taguatinga-DF, no dia vinte quatro de dezembro de 1986. Os meus pais não são brasilienses, mas devido a um problema de saúde da minha mãe ela foi levada para o Distrito Federal para a casa da minha vó paterna que residia no DF há anos. Após o meu nascimento a minha mãe retornou para a comunidade Tapa Olho do município de Teresina de Goiás

onde ela foi morar após ter se casado com o meu pai na comunidade Vão de Almas, município de Cavalcante-Goiás. A minha mãe nasceu e se criou na comunidade Vão de Almas, junto com sua mãe e 8 irmãos. Mas no total a minha vó teve 12 filhos. Já o meu pai nasceu no município de Alto Paraiso de Goiás, mas não foi criado pelos pais e sim por um casal de parentes. O meu pai tem duas irmãs que não foram criadas junto com ele. A minha vó paterna disse que os avós maternos do meu pai são da comunidade Vão do Moleque localizada no município de Cavalcante-Goiás, mas que foram morar na comunidade Ema no município de Teresina-Goiás. Não conheço o meu avô paterno, sei que quando pequena ele frequentava a comunidade Ema, mas como eu ainda era criança não tenho lembrança alguma dele. Para nos sustentar, meus pais trabalhavam como lavradores e em alguns momentos o meu pai era amansador de cavalos. Minha mãe teve 6 filhas com meu pai, mas sobreviveram apenas três (Daiana, Ieda e Shirley).

Meus pais moraram em outras comunidades, como: Fazenda Limoeiro, Seriema e Ema, onde eles se separaram em 1995. Segundo a minha mãe o meu pai não era um bom esposo, bebia muito e batia muito nela que, até de resguardo apanhou. Recordo-me de uma briga dos meus pais onde meu pai queria derrubar a minha mãe com um tição de fogo, mas foi impedido com a ajuda de alguns parentes que tinham ido nos visitar. Após a separação eu e mais 2 irmãs ficamos com a minha mãe e fomos morar no município de Cavalcante-Goiás na casa do tio Jacy irmão da minha mãe por parte de pai.

Após 5 meses de separação, minha mãe foi para Brasília em busca de emprego e teve que separar as filhas, ela deixou 2 com um irmão na comunidade Vão de Almas e outra com uma prima em Cavalcante-Goiás. Com essa separação, eu e minhas irmãs dependíamos da ajuda e boa vontade de outras pessoas para ajudar a minha mãe a nos criar, afinal criar filha mulher não é fácil, e nas casas dos outros pior ainda! Sendo todas meninas havia recusas de pessoas a nos ajudar pois temiam que íamos aprontar cedo, ou seja podíamos engravidar.

Posso dizer que a minha vida foi mais tranquila quando morei com meu tio/padrinho no Vão de Almas, porque em Cavalcante ficávamos mais sozinhas devido a minha mãe trabalhar como doméstica e nós estudávamos no período da tarde e tínhamos que nos virar para cuidar das coisas.

Além de morar com um tio/padrinho morei também com o casal que criou meu pai, na comunidade Fazenda Limoeiro e estudava na Escola Estadual Calunga II na

comunidade Ema, onde precisava atravessar o rio Ribeirão para chegar até à escola. Estudei lá durante dois anos, neste período minha mãe ainda trabalhava em Brasília, eu a via a cada seis meses ou uma vez ao ano.

Após algum tempo retornei para Cavalcante e comecei a morar e trabalhar com uma família dentro do município, mas depois de alguns meses começaram a me maltratar e a minha mãe me tirou dessa casa.

Com muita insistência da minha vó paterna fui para Brasília para ser babá de uma menina no Cruzeiro Velho, mas devido não encontrar vaga nas escolas próximas do trabalho, foi proposto que eu fosse morar com meu pai em Ponte Alta – Gama. Porém, meu pai não aceitou e ficou um joga-joga com a minha pessoa, foi aí que a minha tia Dora - irmã do meu pai - aceitou ficar comigo. Com essa tia eu morei na Guariroba/Ceilândia Sul, entre 2000 e 2003. Quando fui para Brasília estava para cursar a 5ª série e muitos parentes criticavam porque a minha tia tinha pego uma menina para morar com ela e que não ia dar certo, que era perda de tempo comprar caderno para mim porque eu não ia dar conta de estudar em uma escola de Brasília, pois falava errado e tinha vindo da roça onde o ensino era muito fraco. Mas graças a Deus a minha tia não desistiu de mim e eu sempre me esforçava para tirar boas notas, receber elogios e não fazê-la passar vergonha. E com o passar do tempo ganhei um curso de inglês(CILQ) por ter boas notas.

A minha tia trabalhava na feira do Guará e eu, às vezes, ia para ajudá-la. Com o passar do tempo, comecei a arrumar bicos para trabalhar como vendedora de água de coco verde, lavar louça em quiosque, vender picolés na rua. No começo, sentia muita vergonha e medo, mas precisava ter uns trocadinhos, afinal minha tia não era obrigada a me sustentar em tudo e meus pais não ajudavam. Eu até que gostava de ir para feira pois, quase não saía de casa e lá dava até para se divertir.

Quando a minha tia percebeu que eu já conseguia pegar ônibus sozinha, ela começou a me deixar sair para alguns lugares como ver a minha vó no Setor O, visitar o meu pai em Ponte Alta e até ir para a feira do Guará sozinha. Me sentia como gente grande capaz de ir onde queria, bastava ter o dinheiro para pagar a passagem e saber chegar ao destino.

Como qualquer jovem eu tinha um sonho, que era ser professora ou enfermeira, dar uma casa boa para a minha mãe, ter um carro e muito dinheiro para pagar os favores que tínhamos recebido. Enfim, os sonhos percorreram outros caminhos e o que nunca havia planejado e que nunca desejei, aconteceu.

Engravidei aos 16 anos, fui morar com um rapaz mais velho do que eu sete anos, parei de fazer o curso de inglês e reprovei no primeiro ano, mas não desisti dos estudos. Para não parar de estudar eu levava a minha filha para o colégio, mas nos dias de prova normalmente só assinava o meu nome porque a menina começava a chorar e, para não atrapalhar os colegas, eu saía da sala. Muitas vezes, pensava em desistir, mas graças a Deus ia levando aos trancos e barrancos para não acontecer o mesmo que aconteceu com meus pais, que não tiveram a oportunidade de estudar, mesmo com as dificuldades, deveria seguir em frente para não ser mais uma a ficar trabalhando em casa de família, como a minha mãe sempre falou.

Continuei com os estudos e terminei em 2007, as coisas não mudaram porque, devido ao nascimento da minha filha pensei que a minha chance de crescer na vida já havia acabado e que tinha nascido com a mesma sorte da minha mãe (apanhar do marido e trabalhar em casa de família, a minha vida era para servir os outros, era burra, tinha mesmo que sofrer, porque fui arrumar filha muito cedo?). Ou seja, terminei o ensino médio por terminar, porque sinceramente só sabia assinar meu nome e escrever algumas coisas, o que para mim não era nada, porque antes de ir para cidade a ideia que tinha era que se terminasse o 3º ano eu já seria alguém na vida, mas após perceber que não era bem assim, senti que faltava algo, a formação em uma área específica de trabalho. Com a vida que tinha, não tinha chance alguma, sentia que eu já havia destruído a mim mesma.

Não tive muita sorte no relacionamento, porque brigávamos muito, íamos aos tapas, mas graças a Deus chegamos a um certo ponto que a separação era a melhor solução, pois estava vendo a hora de nos matarmos. Uma de nossas brigas era por causa do meu trabalho na feira do Guará, e às vezes ele dizia que era perda de tempo e que talvez se eu fosse "rodar bolsinha" ganharia mais. Ele podia sair a hora que quisesse, dormir até fora de casa, ir para as festas e eu não podia falar nada. No começo, achava que não podia realmente falar nada, porque ele era homem e eu a mulher e que tinha que ficar em casa para cuidar das coisas e o respeitar sempre.

Separei e fui morar de aluguel e mandei a minha filha para morar com a minha mãe em Cavalcante, e fiquei sozinha trabalhava de segunda a segunda, porque nos dias que não estava na Asa Sul em casa de família eu estava na feira do Guará vendendo coco para ganhar R\$20,00 reais por dia. Com esse dinheiro era

uma soma a mais para pagar o aluguel e mandar algumas coisinhas para a minha filha e minha mãe.

Com o destino que dei para a minha vida, deixei de fazer o que mais gostava, que era ler e estudar bastante e com isso fiquei por conta somente de trabalhar. Após ter me separado, pensava em jamais me ajuntar de novo porque não queria ter um histórico de vida de ter me relacionado com vários homens e nem ter outros filhos, pois seriam de pai diferente. A recusa de não ter filho de novo era porque achava muito feio e ia ficar mal falada, porque as mulheres mais velhas da família tinham filhos e mesmo não vivendo bem com o esposo, os filhos eram desse esposo e não haviam tido outros relacionamentos, casou-se com esse homem, com esse devia fazer o possível para viverem juntos e não se separar, porque uma mulher separada não tinha mais respeito e era mal vista na sociedade porque não tinha um companheiro. Mesmo estando já separada eu temia muito isso, devido o que vi e ouvi dos mais velhos da família.

Porém, mesmo com essas ideias da família, a minha vida foi totalmente diferente, porque mesmo com medo engravidei de novo, tive depressão porque ficava imaginando o que as pessoas iam falar. Estando em um estado depressivo, comecei a aceitar a minha gravidez após os seis meses de gestação. Mesmo tendo feito tantas besteiras, a minha filha nasceu saudável, porém eu - durante o parto - sofri muito, mas para mim esse sofrimento era pouco porque diante das besteiras que fiz antes e após a gravidez aquilo era um castigo, porém, pouco, pois havia errado demais.

Após a minha segunda filha ter nascido, eu perdi o emprego da feira do Guará, então por haver poucos dias após ter dado a luz fui para Cavalcante- Goiás passar alguns meses para depois voltar e procurar outro emprego. Contudo, não deu certo e eu resolvi mudar para Cavalcante em 2009, logo de início foi difícil me acostumar à nova rotina porque mesmo que estava longe da família eu já havia me acostumado à rotina de Brasília. Passados alguns anos comecei a trabalhar como diarista em algumas casas, onde em uma das casas eu ganhava R\$ 35,00 para trabalhar quase 13 horas, nas outras duas eu ganhava R\$30,00 para trabalhar 8 a 9 horas. Trabalhava bastante, mas ganhava pouco o qual dava para ajudar pelo menos na despesa de casa e garantir pelo menos aquele pouco para nos sustentar.

Passados alguns anos, alguns parentes e pessoas de fora perguntavam porque eu não arrumava um emprego melhor na prefeitura, e que eu era inteligente,

mas eu nunca acreditei na minha capacidade devido ter pouco estudo e por haver um tempo que havia terminado.

Com emprego ou não continuo morando em Cavalcante de Goiás, onde conduzo a minha vida entre as diárias, família e estudos na universidade, pois tive a oportunidade de ingressar em uma faculdade federal. Com isso, vejo que por mais que os preconceitos sofridos na escola me incomodassem, eu não deixei paralisar os meus sonhos e nem mesmo as minhas origens de kalungueira (nome dado as pessoas Kalunga).

A minha história não se resume apenas nesses relatos, mas preciso dar um ponto final, pois uma história de vida não se resume em poucas linhas.

I.1.2. Minha vinda para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo

Em diálogo com alguns parentes, eles me perguntaram por que eu não fazia a faculdade de Educação do Campo que fulano e fulana estavam fazendo? E eu respondia dizendo que não tinha como, porque não tinha dinheiro e tinha as meninas e que já estava velha para estudar e que a minha faculdade eu já havia terminado, referia-me ao nascimento das meninas. No decorrer da conversa, foram me explicando como funcionava a faculdade, onde disseram que: era de graça e que tinha auxílio alimentação e uma bolsa permanência que era para ajudar nos estudos, mas para conseguir fazer a faculdade teria que fazer o vestibular, se eu conseguisse passar eu seria chamada na primeira ou na segunda chamada.

Me interessei em fazer o curso porque se tratava de uma formação para professores para trabalhar com estudantes do campo e por me sentir pertencente ao campo, mesmo que tenha mudado da zona rural para cidade devido a separação dos meus pais. Foi ai, que percebi que o sonho que tinha de ser professora podia se realizar com essa oportunidade, porém, não acreditava que conseguiria passar no vestibular, mas mesmo assim quando saiu as inscrições para o vestibular corri de última hora para fazer. Chegado o dia, para fazer a prova, eu fui para o Colégio Estadual Elias Jorge Cheim localizado no município de Cavalcante para a realização da prova.

Ao ver uma quantidade de pessoas para fazer a prova eu fiquei mais nervosa e desiludida que não passaria mesmo, pois tinha muita gente muito mais capaz do que eu. Falei para uma conhecida: “Eu vou embora e deixar essa prova pra lá!” e ela

me disse que deveria ficar e tentar! Em seguida chegou uma ex professora minha e disse, que eu não ia embora coisa nenhuma! Tudo bem decidi não ir e fui tentar fazer a prova! Fui a última a entregar a prova, mas sem nenhuma confiança que passaria.

Passados alguns dias ou meses o resultado saiu, e como não tinha internet em casa e tinha muito medo de mexer em computador, eu nem fui atrás para saber o resultado pois tinha a convicção que não tinha passado.

Quando foi um dia eu estava trabalhando na casa do Paulo e da Cristiane, me lembro que estava lavando louça e ele estava no computador, de repente ele me perguntou: “Daiana você fez o vestibular da Educação do Campo?” eu respondi que sim, e ele me perguntou o meu nome completo e eu respondi. Após alguns minutos ele disse: “Caramba Daiana você passou!” e eu não acreditei mesmo vendo o meu nome, porém o meu patrão ficou mais feliz do que eu, me deu parabéns, me abraçou e disse: “Você passou e não está alegre? Foi mérito seu, acredite olha o seu nome aqui! Você vai fazer e não vai deixar de ir fazer a sua matricula tá bom?” Respondi: “Vou ter que ver, tem as meninas” e ele disse: “Você vai dar um jeito, essa é uma oportunidade de ter um curso superior, você vai!”.

Terminado as minhas obrigações no trabalho, fui para casa contei para a minha família que havia passado e todos ficaram alegres e eu triste porque não sabia o que fazer com as meninas e também havia um companheiro, afinal eram meses fora de casa. Mas todos me apoiaram, dizendo que eu ia fazer a matricula e fazer a faculdade. Logo de início, a minha mãe disse: “As meninas eu cuido enquanto você estiver lá. Você não vai perder essa oportunidade, basta eu e seu pai sem estudos!”.

Segui o conselho das pessoas e fui fazer a matricula, e graças a Deus deu tudo certo! Comecei a cursar a faculdade em 13 de maio até 13 de junho de 2014 o primeiro semestre. No começo achei muito difícil, porque para mim a jeito das pessoas falarem parecia ser uma língua muito diferente da que eu estava acostumada, mas não desisti e no próximo semestre lá estava eu novamente dando a cara para bater aos novos conhecimentos que ainda estavam por vim.

A minha entrada na faculdade foi de suma importância para minha vida pessoal, pois após uma aula de filosofia eu sofri uma lavagem cerebral que mudou completamente a maneira de me relacionar comigo mesmo, pois me via de uma

maneira muito inferior a outras pessoas e me sentia a pior pessoa que existia neste mundo, sem merecimento de nada de bom.

Mas quando foi em maio de 2014, graças ao professor Jair Reck e à professora Joelma Rodrigues especificamente, e aos demais professores que também contribuíram e contribuem para a minha formação pessoal e profissional. Digo isso, porque em suas aulas foram discutidos temas que me fez sentir como pessoa digna de respeito e não de culpada por isso ou por aquilo. Sendo assim, senti que as mudanças que ocorram na minha mente, me fez sentir como pessoa e vê o mundo com outra maneira.

Mesmo faltando um ano para concluir ou não a faculdade, eu agradeço imensamente aos movimentos sociais que lutaram para garantir estudos em nível superior, público e gratuito às classes mais pobres e eu fui contemplada com essa luta. O sonho que havia adormecido acorda após dez anos trazendo para minha vida uma nova maneira de ver o mundo em geral e o meu mundo pessoal, de uma maneira menos alienada.

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, percebo que além de ser uma oportunidade de se ter um curso superior, é também uma valorização de todo um processo histórico que cerca a vida de uma minoria em quesito de condição econômica e que também dá visibilidade aos saberes dos camponeses, voltados a suas realidades/identidades. É também uma formação que não visa apenas a teoria, mas a prática ligada com a realidade do cotidiano dos estudantes, voltando assim o olhar para os conhecimentos, tradições adquiridos no seio familiar. Sendo a Ledoc um curso voltado para formação de educadores do campo, visa uma busca de educação transformadora, a formação de sujeitos críticos, tendo como base uma transformação social participativa, em prol do bem comum (coletividade).

Quando comecei a entender o processo pelo qual estava passando, pensei que poderia estar servindo de cobaia para a alguma pesquisa da universidade, pois a metodologia de alguns professores era voltada a realidade das comunidades dos estudantes, para as histórias de vida. Por fim, quando comecei a perceber que eu não conhecia o meu entorno, percebi o quanto a decoreba de textos de história, geografia e demais disciplinas, para a realização de uma prova para passar de ano eram inúteis e não formavam sujeitos, comecei a me perguntar: por que eu não pesquisei antes de vir? No entanto, por mais que soubesse quem eram os meus

familiares eu não conhecia a história da nossa família, por mais que admirasse as histórias que havia ouvido, muitas vezes era levada para o lado de uma aventura, pois não fazia e nem tinha ideia de como a comunidade onde minha mãe havia nascido e crescido, tinha surgido. Sendo assim, pela paixão que sempre tive pela comunidade, mesmo havendo anos sem ir até lá, minha memória sempre trazia à tona muitas lembranças boas, fazendo assim a saudade surgir. Por isso, mesmo sabendo que podia me inserir em qualquer escola que atendesse estudantes da zona rural, eu não hesitei em dizer que eu queria ir para a comunidade Vão de Almas para me inserir, pois me sentia filha da mesma, mesmo não morando e nem tendo nascido lá. Tendo feito a minha inserção na comunidade, foi de grande valia, recebi apoio dos parentes, onde muitos diziam: “Você tem que procurar é os seus mesmo!”, ouvir isso me deixava forte, porque estava protegida ao lado dos meus parentes e conhecidos.

Ao retornar para a comunidade muitas lembranças reviveram, mas saber que algumas coisas mudaram, dentre elas, a presença de escolas que atendem muitos jovens e perceber que muitos pais dão prioridade na educação dos filhos, isso é uma riqueza para a comunidade, pois muitos dos anciãos da comunidade não tiveram a oportunidade que eu e muitos jovens temos há alguns anos. Digo isso porque na época em que frequentei a escola na comunidade, o nosso professor era o tio Faustino dos Santos Rosa, que tentava passar para nós estudantes o pouco que ele sabia. Nesta época não tínhamos lanche, comíamos o que levávamos de casa, ou quando ele mesmo pegava o que tinha e nos dava, a escola era de palha. Não tínhamos mochilas, o que usávamos era saco de arroz, açúcar ou algum embornal.

Comparando alguns anos atrás com os dias atuais, por mais que o nosso sistema educacional requeira algumas mudanças, não posso dizer que a educação no Vão de Almas continua a mesma, mesmo sabendo da existência de problemas que abrangem e afetam as Escolas Calungas.

O meu contato com a comunidade, nunca parou, porque até hoje muitos parentes moram na comunidade e sempre tivemos contatos. Então, quando encontrava alguém, sempre conversamos sobre a comunidade. Se antes eu me orgulhava de ser kalungueira, hoje eu me orgulho mais ainda, porque o que antes parecia não ter importância alguma, hoje percebo a riqueza que sempre tivemos, e

precisamos preservar as nossas tradições e costumes deixados pelos nossos ancestrais.

Outra coisa, quando me decidi pela área de habilitação, eu fui para área de linguagem porque sempre admirei a língua portuguesa, e porque fui muito corrigida quando falava. Então, tinha a convicção que um dia poderia falar corretamente. No entanto, aprendi muitas coisas e hoje em dia tento afastar o medo de falar e não ficar focada se falei certo ou errado, porque para isso é que existe a variação linguística que nos permite usar a norma culta e padrão da língua falada e escrita.

I. 1.2. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo

A Educação do Campo surgiu da necessidade de se ter uma formação de sujeitos camponeses para atuar nas escolas do campo. Educação do Campo, houve um processo de luta intenso para primeiro se consolidar uma Educação Básica do Campo. Isso se inicia pela primeira Conferência Nacional no ano de 1998 na cidade de Luziânia-Goiás nos dias 27 e 28 de julho. Quando acontece a II Conferência Nacional entre meio a tantos debates em um seminário que durou quatro dias (26 a 29 de julho de 2004), o termo Educação Básica do Campo, passa a ser Educação do Campo. Para que acontecesse a primeira Conferência Nacional, houve toda uma preparação no mês de agosto de 1997, logo após o I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (Enera), que foi realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que ocorreu no mês de julho de 1997, (Caldart, 2012, pg. 258).

A Licenciatura em Educação do Campo surge no ano de 2007, sendo a primeira turma se iniciou no Rio Grande do Sul em parceria com o ITERRA (Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária). Ou seja a Licenciatura em Educação do Campo, surge da expansão da educação do campo, em defesa de uma educação que atenda as especificidade da classe trabalhadora, e isso acontece através de lutas que justamente foi engajada pelos movimentos dos trabalhadores visando conquistas e melhorias para a educação nas áreas da reforma agrária. Essa conquista remete também a se ter direitos por espaços lhes foram negados ou tomados pela expansão do agronegócio que com sua hegemonia massificou os direitos da classe trabalhadora.

Esta nova modalidade de graduação que nasce a partir da luta dos movimentos sociais do campo para conquistar uma política específica de

formação de educadores para atuar nas escolas do território rural, tem exatamente, como maior intencionalidade, a perspectiva de formar um docente capaz de promover um profundo vínculo entre as tarefas específicas das escolas e as demandas da comunidade durante a realização destas tarefas. (MOLINA, pg. 3)

Com suas lutas, a classe trabalhadora conquista o direito de cursar o ensino superior nas universidades federais, onde passam a ter outros conhecimentos podendo assim melhor trabalhar os conhecimentos que já possuem. O curso de Licenciatura em Educação do Campo nos dá essa possibilidade de valorização e fortalecimento do meio ao qual pertencemos e do que possuímos. A LEdoC é um curso que busca uma formação contra hegemônica para formar sujeitos camponeses como educadores do campo capazes de perceber o mundo a partir da sua própria realidade. A LEdoC forma sujeitos capazes de olhar os desafios e saber como atuar nos espaços ocupados pelos camponeses, onde este espaço está em constante disputa pelo agronegócio que busca destruir esses espaços para assim poder gerar mais lucro, desapropriando sujeitos do seu próprio espaço gerando assim uma desterritorialização.

O curso se iniciou com a primeira turma da Universidade de Brasília(UnB) em parceria com o ITERRA, por isso a turma teve sua formação no Rio Grande do Sul, e somente a partir da turma II o curso foi realizado na UnB como uma extensão piloto. Após a segunda turma o desenvolvimento da LEdoC fluiu tanto, que neste ano comemorou se dez anos da Licenciatura em Educação do Campo, onde a mesma já se encontra com a décima turma. E neste mesmo ano o curso abre inscrições para a realização do vestibular em Licenciatura em Educação do Campo no dia 29 de outubro, onde foram ofertadas sessenta vagas. Ou seja, o curso da LEdoc é uma oportunidade para os/as trabalhadores/as do campo cursarem o ensino superior em regime de alternância, onde o estudante fica um certo tempo na universidade e também na comunidade, podendo assim realizar ações na comunidade.

O curso da LEdoC possibilita aos estudantes escolher a área de habilitação, sendo elas: Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática. Seguindo uma dessas áreas de formação da licenciatura os estudantes podem atuar nos anos finais do ensino fundamental e também no ensino médio. Por ser um processo formativo e diferenciado dos demais cursos ofertados pela Universidade de Brasília, os licenciados podem atuar também na área de gestão escolar e gestão comunitária.

A educação do campo nos ajuda a olhar para nós mesmos, a ver o mundo com olhares diferentes e pensar em uma forma de educação em que caiba a vida. Neste contexto de educação, o curso forma sujeitos mais críticos com uma formação integral ligando o trabalho à vida.

I. 1. 3. Espaço da Pesquisa

A comunidade Kalunga Vão de Almas encontra-se situada aproximadamente há 90 km da cidade de Cavalcante-Go. A mesma é cercada por montanhas e morros e uma vegetação com arbustos típicos do local. A vegetação, dos mais variados tipos, norteia a comunidade de ponta a ponta, tornando-a mais rica em belezas naturais. A comunidade Vão de Almas, surgiu há mais de 200 anos devido a necessidade de pessoas escravizadas quererem viver longe de toda aquela forma de trabalho desumano, que encontraram, entre as serras, possibilidades de construir uma nova vida, por traz das serras e entre os grotões que eram seus esconderijos. A região Centro-Oeste abriga o maior território Quilombola do Brasil, Vão de Almas é uma das comunidades desse território.

A história dos Kalunga remete a 1722, quando Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e João Leite da Silva Ortiz desencadeiam um processo de povoamento, ao iniciarem a colonização e a implantação do ciclo minerador- as “Minas dos Goyazes”. (BAIOCCHI, 2006, p.27)

Formada em lugar de difícil acesso, a comunidade é rodeada por outras comunidades dentro de um único território, onde são nomeadas por diversos nomes e pertencentes a três municípios: Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás.

Assim, mesmo diante das dificuldades, pessoas corajosas e que conseguiram fugir lutaram para construir uma nova morada, pois viram ali o único meio de consolidar uma nova vida, e onde construíram suas famílias e desenvolveram maneiras de lidar com a terra e construir a própria cultura, garantindo um meio de sobrevivência.

Banhada por cinco grandes rios: Paranã, Rio Branco, Capivara, Gameleira e Pedra Preta e inúmeros córregos que neles despencam; seu clima é temperado, o que tem permitido a resistência da vida ali.

A comunidade abriga hoje cerca de 400 famílias quilombolas, que ali residem há séculos, famílias que vivem da pesca, caça e cultivo de arroz, feijão, gergelim,

milho, mandioca, batata-doce, maxixe, jiló, fumo, quiabo, cheiro-verde. Com relação ao que possuem na comunidade, Fernandes (2015), diz o seguinte:

Além da agricultura, essas comunidades cultivam uma grande variedade de frutas e verduras nos arredores das suas casas e também dependem do extrativismo de espécies nativas da região, como jatobá, gueroba, pequi, baru, cagaita, mangaba, baquari, cajuí, coco indaiá, buriti e o licuri. (FERNANDES, 2015, p. 423)

Muitas famílias criam galinhas, porcos, aves e gado. Essas criações ajudam no sustento da família de várias maneiras, quando matam um gado ou um porco, a carne é vendida para as pessoas da própria comunidade, onde alguns pagam no fim do mês com o recebimento de alguma quantia em dinheiro. Sobre isso Maestri (2002) diz que, “Era comum a produção de excedente desses grupos ser trocada nas vilas e fazendas mais próximas”. (MAESTRI, 2002, p.110).

Nota-se que há algum tempo algumas práticas culturais têm sido rompidas, pois nem todos da comunidade plantam mais a roça de toco.

Os rios ditos como Paranã é o maior rio que corta a comunidade Vão de Almas fazendo divisa com a comunidade Kalunga II, permite sua travessia com canoa ou a nado e em sua volta há enormes pedras, uma vez que não há ponte sobre ele. Lá se encontram várias espécies de peixe como jaú, surubim, caranha, traíra, piabanha e outros. É um rio de correntezas fortes que podem carregar qualquer indivíduo seja de pequeno, médio ou grande porte, há apenas uma cachoeira maior encontrada no seu percurso conhecido, já bem próximo da comunidade Ribeirão dos Bois, conhecida pelo trajeto dos povos Kalungas da comunidade Vão de Almas ao se deslocar para a cidade a pé ou a cavalo e é um lugar onde aglomera muitas pessoas em época das águas em busca de pesca. O rio Branco, por ser o segundo rio maior corta a comunidade de ponta a ponta fazendo divisão entre famílias. O mesmo em algum lugar recebe o nome de “rio das almas” em Cavalcante-Goiás.

O rio capivara corta a comunidade ao meio e é o 3º maior. Os dois últimos, Gameleira e Pedra Preta, de médio porte, escorrem por entre a comunidade até se despencarem nos demais. Dos rios mencionados, nenhuma nascente se encontra no Vão de Almas e todos eles se despejam no rio Paranã e nunca secam durante a estiagem das chuvas. Já os córregos como córrego da Serra, Água fria, córrego de Tapera etc., são pequenos rios que durante a estação chuvosa alimentam a sede de

animais e vegetais e até mesmo de alguns habitantes, mas que no período de estiagem as águas não se fazem mais presentes como antigamente. Os mesmos, de algum modo, colaboram para a diversidade da vida, fonte de sobrevivência que abrigam insetos e animais mesmo quando secos pelo fato de seu leito permanecer em vários pontos úmidos e arejados.

Conforme dito anteriormente, o povo Kalunga do Vão de Almas descende de pessoas que foram escravizadas e que, naquela época, fugiram à procura de esconderijos a fim de garantirem suas vidas livres da escravidão. Durante essas fugas eles se espalharam por diversas partes do território formando comunidades tradicionais e descobrindo novas formas de sustento, novos rituais, nova cultura até que se consolidaram como cultura camponesa quilombola. Com o passar dos anos, esses povos foram dando origem também a novas famílias até que puderam ocupar todo território conquistado.

Conversa, com o senhor Faustino dos Santos Rosa, de 67 anos que veio do Vão do Moleque com 6 anos para morar com os pais na comunidade Vão de Almas. Segundo ele,

“Quando os pais chegou para morar na comunidade, compraram a terra de um parente em 1956. Não havia quase moradores, mas o pouco que havia, mesmo diante das dificuldades as pessoas eram mais unidas um ajudava o outro e não havia essas brigas que tem hoje em dia.”

Diz ainda que,

“Quando havia algum problema, ninguém ia pra cidade, pois naquela época havia uma lei de acordo (resolvia entre eles mesmo, mas com a presença de uma pessoa mais velha para conduzir a situação), e as coisas se resolvia entre eles mesmo. Hoje por qualquer coisa as pessoas tem que ir pra cidade mexer com a promotora, coisa que dá para resolver aqui mesmo, tem que levar para lá, (e citou um exemplo: dois tios nascidos e criados na comunidade, brigam por causa de terra só porque o outro fez roça dentro da terra do outro mais de uma vez, mesmo já sendo repellido. Então o outro quando ficou sabendo abriu o colchete da roça para o gado entrar na roça. Em vez de resolver entre eles levou para a justiça, agora fica essa briga entre parentes.).

Eu acho que o que os mais velho já sofreu e hoje em dia quando as coisas começa a melhorar, as pessoas começa a viver nesta desunião, onde tio não respeita sobrinho e vice e versa.

Acreditamos que, deveríamos buscar apreender os modos tradicionais de resolução de conflitos, lamentavelmente, não poderemos nos debruçar sobre esse

aspecto no presente trabalho. Quando perguntado sobre a história da comunidade, Sr. Faustino, informa

Olha ,me lembro de poucas coisas ,a gente achava que nunca ia precisar da história da comunidade, então quando os mais velhos contava a gente ficava (quebrando pau no ouvido), não dava atenção e hoje que precisa lembro de poucas coisas os mais velhos contava algumas coisas pra nós .Me lembro da minha mãe contar; que o povo quando vieram pra cá passavam mês dentro dos buracos de serra , escondendo dos revoltosos que vinham atacar o povo da comunidade pra matar e também roubar ; se eles encontrasse algum gado ia matando, e os escravos que vinham pra cá fugindo, eram da África. Eles fugiam do trabalho exploração, e onde achavam lugar para se esconderem, eles se escondiam nas serras e grotas. Era uma fuga dividida, pois não podiam ir no mesmo rumo. E os que mais fugiam eram os homens, as mulheres quase não fugiam. Os compadres (indígenas), sempre vinham para a comunidade no mês de Abril, povo tinha medo mas eles não fazia nada não. Enquanto eles estavam na comunidade faziam estripulias, como: roubar galinha, comer a comida que ficava na panela, as vezes eles deixava algum agrado como a carne de caça. Naquela época tinha bastante peixe, hoje é que quase não tem.

Quando era mês de Outubro, que os compadres ia embora eles passava a noite tocando gaita¹ ao redor da casa de algumas pessoas.

No que se refere ao acesso à saúde pública, a narrativa do Sr. Faustino é esclarecedora

As pessoas aqui quando adoecia era carregadas na rede; cansei de carregar também tentando salvar a vida das pessoas, e uma delas foi Eurotildes minha irmã que quando mais nova, teve uma febre que na época era a malária. Ela teve que sai daqui na rede, quase morreu, ficou internada 30 dias no hospital.

Antigamente quase ninguém conhecia hospital e nem cidade, a minha mãe nasceu dentro de uma casa de pedra, e até hoje tem o lugar. Nesta época era alguns que ia para a cidade, o muito que ia era duas vezes no ano, na cidade de Arraias, para comprar e vender também o que tinha como: arroz limpo, carne de sol, feijão e outros. Para chegar em Arraias levávamos de seis a oito dias de pé ou a cavalo.

E hoje se alguém passar mal aqui as vezes tem carro pra vir buscar, já tem a estrada de rodagem.

A alguns anos atrás só tinha a escola que era aqui do lado de casa, e eu tentava ensinar o pouco que sabia. Mas havendo uma necessidade de escola o prefeito que na época era Jorge Cheim, mandou construir uma escola, mas precisa da autorização dos pais. Mas entre conversa com os mais velhos todos aceitou a

¹ Gaita instrumento confeccionado pelos índios a partir do gomo da taboca.

escola do Vazantão. Na época era eu sozinho, e fiquei quebrando cabeça sem saber o que fazer com os outros alunos sem professor. Mas foi aí que quando veio dois freis: João e Vanderlei em 1991, e eu pedi ajuda e eles aceitaram me ajudar, e foram lecionar na nova escola do Vazantão durante cinco anos. A escola era de palha.

Sobre a origem do nome do povo Kalunga e aspectos de sua espiritualidade católica, continua o Sr Faustino.

Segundo os mais velhos a comunidade recebeu esse nome Kalunga, por causa de uma planta que tem o nome de Kalunga que tem do lado de um córrego que fica do outro lado do Paranã. E aí o nome atingiu a comunidade toda. Sem contar que a planta também serve para matar os vermes. Hoje a comunidade cresceu, tem cerca de 400 famílias. Antigamente com cinco dias de folia de Reis dava para girar todas as casas, e hoje não dá conta, ainda fica casa sem girar (a folia não passa).

A capela (festejo de Nossa Senhora D'Abadia) surgiu devido ao encontro da imagem de Nossa Senhora das Neves, dentro do mato. O festejo é de Nossa Senhora de Abadia, mas a igreja é de Nossa Senhora das Neves.

A comunidade parece ter ficado conhecida mesmo por causa de uma pesquisa Mari Baiocchi (Mari de Nasaré Baiocchi, pesquisadora), fez na comunidade. Ela entrevistou algumas pessoas da região, tia Procópia se eu não me engano, foi uma dela”!

Com esse desenvolvimento, percebe-se na comunidade, que muitas coisas mudaram e outras permanecem até os dias de hoje. A comunidade desde o ano de 2016 já conta com a chegada da energia elétrica em algumas casas, inclusive no local do festejo de Nossa Senhora D'Abadia, algumas casas possuem água encanada. Com a expansão das estradas de rodagens dentro da comunidade, observei que o rio Capivara apresenta muita areia, pois quando vem a chuva as enxurradas correm diretamente para os pequenos rios. Com isso, alguns rios que apresentava alguns poços fundos, hoje estão rasos, com a presença de muita areia.

A comunidade até os dias de hoje, não possui postos de saúde que atendam as demandas apresentadas pelos moradores da comunidade. Com isso, quando necessitam de socorro para algum enfermo, algumas pessoas vão até um ponto onde haja sinal telefônico e ligam para o hospital, onde os responsáveis procuram meios de encaminhar um carro até a comunidade, para locomover o doente até o hospital do município de Cavalcante-Goiás. Porém, muitas vezes as enfermidades não são tratadas no hospital do município, sendo muitas vezes levadas aos hospitais de algumas capitais como: Brasília e Goiânia.

I. 1.4. Justificativa

A escolha desse tema se deu pela admiração que, enquanto mulher quilombola, sinto por outras mulheres quilombolas. Mulheres que, ao longo dos anos, foram vistas como um grupo à parte na sociedade, sem direitos de se representarem, e de ocuparem posições consideradas importantes no mundo, que, com sua força e coragem vem reconstruindo e abrindo espaços a fim de ocuparem lugares que foram interditados pela sociedade patriarcal.

Contudo, nem todas as mulheres ocupam ou percebem que elas mesmas são as protagonistas das mudanças em sua vida cotidiana. Porém, não podemos culpar-nos, pois somos vítimas de um sistema que não nos dá espaço de reconhecimento das nossas ações, mas que dá ao homem todo direito de se reconhecer como um ser que não devia faltar no paraíso para poder comandar o sexo oposto. Afinal, para uma sociedade onde o patriarcado ainda age, uma mulher sem companhia masculina não é bem vista aos olhos da sociedade, uma vez que essa mesma sociedade se esquece que, assim como o homem, a mulher também tem presença e importância nas dinâmicas da vida social.

Devido ao sistema patriarcal, muitas mulheres são a ele submetidas como se fosse o verdadeiro, concreto e pronto. O sistema capitalista contribui para isso, pois vivemos em um país onde a mulher que ocupa a mesma função do homem é remunerada com um salário inferior ao do homem, o desconhecimento do modo como nossa sociedade encontra-se estruturada impede a visibilidade do trabalho da mulher, posto que na maior parte do tempo, essas atividades não são vistos como trabalho.

Enfim, vejo também este tema como algo possível de ser discutido dentro das escolas, pois sendo a educação do campo transformadora, libertadora ela nos mostra caminhos que podemos percorrer valorizando assim a história camponesa, ou seja, é um olhar voltado para os sujeitos do campo. Então, partindo da perspectiva da educação do campo, nós podemos trabalhar conteúdos voltados para a nossa realidade, e sendo nós sujeitos de uma sociedade carregada de estereótipos negativos sobre homens negros e mulheres negras, vejo esse assunto como um passaporte para a compreensão de muitas ideologias voltadas contra nós mesmos. A sociedade brasileira formou-se desde um processo de colonização, logo se entende que muitas coisas foram impostas e que até hoje carregamos conosco

concepções do que é do homem e da mulher em uma perspectiva que é dos brancos devido o nosso processo de colonização.

A educação como formadora de sujeitos com práticas políticas é um espaço de ação coletiva, podendo assim reunir escola e comunidade para discutir temas que estão presentes em ambos os espaços, afinal a escola é também um espaço de convivência, ela também pode ser um espaço de reprodução do que se vive em casa. Por isso não devemos nos fechar a debater apenas determinados assuntos, mas sim tudo aquilo que nos cerca, pois são assuntos que vivenciamos.

I. 1.5.Procedimentos da Pesquisa

A metodologia desta pesquisa será de caráter qualitativo, que segundo CRESWELL (2010), a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com a investigadora encontra-se envolvida em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. Sendo assim, para a realização da pesquisa qualitativa é necessário que a pesquisadora se planeje para a sua coleta de dados, para isso é preciso estar ciente de quais dados precisará e que procedimentos serão necessários para o desenvolvimento do seu trabalho.

E como instrumento de coleta de dados, vamos utilizar a entrevista que na pesquisa qualitativa se baseia em observação onde a pesquisadora é quem faz o levantamento através de entrevista, podendo ela mesma coletar os dados, não ficando à mercê de resultados obtidos por outras fontes de investigação. Ou seja, é a própria pesquisadora que vai buscar meios de melhor desenvolver o seu trabalho onde vai estar face a face com o participante. Logo, a pesquisadora pode utilizar de instrumentos como gravador, anotações em cadernos, é preciso que ela se planeje antecipadamente antes de fazer as entrevistas.

A partir dos dados colhidos através das entrevistas iremos analisar e verificar de que forma o sistema matriarcal africano está presente no cotidiano das mulheres quilombolas de Vão de Almas.

Esta pesquisa será realizada na comunidade Vão de Almas, onde irei realizar entrevistas com mulheres moradoras da comunidade. Com este estudo, tenho o desejo de compreender como essas mulheres conduzem suas vidas em meio aos seus afazeres de donas de casas e outros afazeres que complementam a economia familiar, suas contribuições para a comunidade, suas relações com o sistema

patriarcal e a desigualdade de gênero. Em relação a isso, quero entender se nesta comunidade, as práticas femininas possuem alguma relação com o matriarcado africano, afinal, vimos de um contexto histórico de escravidão no Brasil, onde houve importação de africanos para serem escravizados.

I. 1.6.PERGUNTA DE PESQUISA

Na comunidade além dos afazeres domésticos, as mulheres Quilombolas desempenham outras atividades, tais como: plantio de roça, produção de artesanatos, são professoras, cuidam dos filhos, produzem óleos, cuidam dos animais, etc. Porém, as várias jornadas de trabalho dessas mulheres não são reconhecidas como trabalho, apenas como uma obrigação. Tomando essa afirmação como premissa, questionamos: é possível identificar a permanência de heranças do matriarcado africano no cotidiano das mulheres quilombolas de Vão de Almas? Quais? Como essa herança influencia a vida das mulheres quilombolas da comunidade Vão de Almas?

I. 1.7.OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa foram desenvolvidos com base na questão de pesquisa deste projeto.

GERAL

Analisar falas sobre os afazeres diários das mulheres quilombolas, para compreender como essas atividades contribuem para a economia da família, quais são suas contribuições na comunidade e como são desenvolvidos em uma comunidade onde o patriarcado e a desigualdade de gênero ainda são muito presentes.

ESPECÍFICOS

1. Analisar de que maneira o sistema patriarcal está ou não presente entre as famílias Kalunga do Vão de Almas, e quais suas formas de resistência.
2. Entender como as mulheres quilombolas se organizam, trabalham e produzem.
3. Compreender como ocorrem a relação entre as categorias: patriarcado, matriarcado, igualdade de gênero e quais são papéis tradicionalmente desempenhados por ambos os sexos.

1.8. SUJEITOS DA PESQUISA

A comunidade Vão de Almas é um lugar onde várias mulheres possuem diversas jornadas de trabalho, o que muitas vezes, é excessivo para as mulheres que já possuem família. A ausência do marido (temporária ou permanente), as sobrecarregam ainda mais: elas são mãe e pai, que acabam ocupando e executando todas as atividades (incluindo as tradicionalmente masculinas). As mulheres são grandes guerreiras e, há muitas gerações, elas têm em suas mãos o papel de realizar várias tarefas, em prol do bem comum e da “família”. No entanto, essas mulheres não possuem apenas jornadas excessivas de trabalho do que diz ser um “afazer da mulher”, mas, também, outros afazeres que não são entendidos como seus, colaborando para a realização dos trabalhos designados aos homens. Isso ocorre, por vivermos em uma sociedade onde vigora a divisão sexual do trabalho, designando o que é “trabalho feminino” e o que seria “trabalho masculino”, onde a desigualdade de gênero ainda é muito presente e que, quando o sexo oposto (masculino) faz algo que diz ser próprio da mulher, isso é visto como um ato grandioso, invisibilizando assim o trabalho da mulher que é visto como algo naturalizado e obrigatório da “mulher”, possuindo pouca ou nenhuma importância.

Sendo eu uma mulher quilombola, muitas vezes me questionava por que havia essa hierarquia entre os afazeres masculinos e os afazeres femininos, sendo que esses afazeres contemplavam todos. Quando comecei a entender esse processo, através das aulas da faculdade e algumas posições de colegas mulheres em relação a alguns acontecimentos envolvendo ambos os sexos, aquilo me

intrigava, por que fui criada obedecendo meus pais, aprendi que o homem era a força e que era melhor não bater de frente. Mas, o que acontece é que muitas mulheres não se sujeitavam, nem se sujeitam às condições impostas pelos homens. Por isso quando me decidi pela escolha desse tema, foi pelo o meu amadurecimento em relação às questões de gênero e também pela admiração que tenho pelas mulheres Kalunga, tanto das gerações passadas quanto das gerações mais atuais, pois mediante as condições que viviam, elas não desanimaram e juntas com os homens desenvolveram toda uma comunidade com muito trabalho, e onde eu acredito que muitas vezes eram elas que precisavam tomar a frente para que algo pudesse acontecer. Não quero desmerecer aqui o envolvimento dos homens nesse desenvolvimento, mas sim chamar atenção para um ser que não é apenas reprodutivo, frágil, mas sim um ser capaz de criar, recriar. Assim como o homem é capaz de se desenvolver a mulher também é. Porém, como já disse acima o que a mulher realiza é invisibilizado, surgindo assim estereótipos envolvendo o sexo feminino. Então, por essa admiração pelas mulheres quilombolas, eu quero e preciso falar sobre algumas delas e da grande importância que essas mulheres representam para a família e para a comunidade, e que também representam as demais mulheres da comunidade, afinal cada uma com suas especificidades. São mulheres que desenvolvem afazeres sem nenhuma restrição de gênero.

Por serem mulheres descendentes de pessoas que foram escravizadas, e pelo conhecimento da história do escravismo no Brasil, sabemos que essas pessoas que aqui chegaram forçadamente para realização de trabalho compulsório, foram sequestradas e trazidas da África. Tendo essa afirmação, acredito que muitas das nossas tradições e costumes se baseiam e se parecem muito com os africanos.

Essa pesquisa tem como tema central analisar as atividades desempenhadas pelas mulheres quilombolas em seu seio familiar e comunal. Desde o período da escravidão as mulheres trabalhavam desmesuradamente, sob os mais diversos e cruéis maltratos, entre tantas tarefas nas plantações, elas ainda cuidavam da casa dos senhores/as e ainda amamentavam os filhos das sinhás. Assim, Soares (2006), afirma:

O trabalho doméstico incluía, dessa forma, o realizado por cozinheiras, costureiras, arrumadeiras, lavadeiras, amas-de-leite e mucamas. Não havia, necessariamente, negras especializadas em cada uma dessas ocupações. Uma doméstica podia se ocupar de duas, três ou mais tarefas, a depender das necessidades do senhor e sua família. (SOARES, 2006, p.40).

Ou seja, historicamente a mulher negra se ocupa de várias funções, mas que não são devidamente reconhecidas, afinal é sua obrigação cuidar da família e do que mais lhe for determinado. Sendo assim, com este estudo tenho a pretensão de entrevistar mulheres quilombolas da comunidade Vão de Almas com o intuito de compreender como se dá essa relação de conduzir uma família e realizar outros afazeres, que colabora com o sustento da família juntamente com o marido, sendo muitas vezes a única fonte de renda da família.

CAPITULO II – AS CATEGORIAS “SUPORTE”

Neste capítulo vamos apresentar as categorias: Matriarcado, Patriarcado, Trabalho, Mulherismo Africana e Afrocentricidade.

a) Matriarcado

Uma categoria que, há muitos anos vem sendo usada para se referir às sociedades onde as mulheres tinham poder de comandar o espaço ao qual pertenciam. Falar em matriarcado, não é dizer que tendo o poder em suas mãos as mulheres agiam sem nenhuma consciência pelo outro, ao contrário, tinham o poder de saber comandar e comandar bem o seu grupo. Tendo a liberdade de agir elas foram capazes de construir e produzir coisas em prol do seu grupo. Pra melhor definição de matriarcado vejamos o que diz Nah Dove (1998):

O conceito de matriarcado destaca a complementariedade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica. (NAH DOVE ,1998 p. 8)

Nesse sentido, a relação da mulher com o homem era de fundamental importância, pois não havia uma disputa de poder, porém, reconhecia a importância da mulher tanto na vida familiar, quanto no espaço social de uma comunidade.

Observando todo contexto histórico a respeito de matriarcado, percebe-se a desenvoltura da mulher para comandar um grupo, contando com o apoio do grupo e confiança em suas ações e tomada de decisões sobre a comunidade.

No sei da sociedade matriarcal a mulher africana tinha uma participação fundamental em defesa dos povos, e como mães, lutavam por seus filhos para não sofrerem nenhum tipo de ofensas. O reconhecimento do poderio da mulher africana na luta e resistência a escravização sofrida em todo continente africano, unificando os povos, e buscando meios de conscientizar para manterem suas independências. O que essas mulheres faziam em defesa de seu povo merece total divulgação, pois elas buscavam defender seu povo dos invasores europeus, e lutaram para os seus espaços de vivências não fossem tomados pela sociedade patriarcal e machista, onde os homens eram exaltados em detrimentos das mulheres.

Com as invasões, sequestros, tráfico e escravidão, homens e mulheres foram obrigados a seguir as ordens europeias, onde diziam que os africanos eram muito

parecidos, podendo ser todos e todas submetidos sem problemas. Sendo assim Nah Dove(1998) destaca que:

Naquela época, parecia politicamente oportuno apoiar esta ideia para justificar a sujeição de mulheres, homens, e crianças Africanos de forma análogas de tratamento bárbaro sob auspícios da dominação europeia. (DOVE, 1998, p.7)

Fica evidente que as conquistas e dominação europeias, desfizeram boa parte de organização do continente africano. Cheik Anta Diop desenvolveu a conhecida “teoria dos dois berços”, de acordo com ele o berço sul é a África (onde se desenvolveu o matriarcado) e o berço norte é a Europa (local do desenvolvimento do patriarcado), que criaram modos e estruturas sociais quase antitéticas entre si. Conforme os povos foram migrando para o clima do norte desenvolveram sociedades patriarcais. Sobre esse novo sistema, veremos a seguir a sua definição.

b) Patriarcado

Sistema esse que se desenvolveu com a derrubada do outro sistema, se instalou no seio da sociedade que até hoje revigora sobre muitos países. Esse sistema é o poder centrado nas mãos dos homens, onde são vistos como os fortes e pertencentes a uma dignidade única, advinda do pertencimento ao sexo masculino. Por esse conceito, o patriarcado é também uma correlação de força com o sexo oposto “feminino”, onde o que rege é a autoridade do homem. Com o desenvolver desse sistema as mulheres não adquiriam e nem decidiam nada sem antes ter uma ordem vinda do marido, pai ou filho, ou seja, do homem responsável. Com o patriarcado, foram construídas também diferentes formas de organização, em que foi estabelecido o que seria desenvolvido pela mulher e pelo homem, porém, o que possuía maior importância era atribuído aos homens. A razão da ordem final vir do homem, é a ideia de que o homem é o cabeça da casa, é o mantenedor da casa e da família. Em relação a isso, Dove, (1998) afirma:

[...]Assim, pode-se inferir a partir desses estudos que o patriarcado produz e perpetua um desequilíbrio nas relações feminino-masculino, que teve longo alcance e consequências negativas em todos os aspectos da vida no mundo contemporâneo. (DOVE, 1998, p.9)

Ou seja, o poder e o controle do macho sobre a fêmea, ainda é muito vigente nos dias de hoje, pois é algo tão vigente que o homem se sente dono da mulher, sente no direito de matar, espancar, manter em cárcere privado. Muitas mulheres são mantidas em situações de viver com homens que se sentem donos delas, que não as deixam nem sair de casa ou ter amizades.

Isso se deve a todo o contexto histórico da humanidade, que sofreu com a tomada de muitos territórios por diferentes grupos de países mais ricos sobre os mais pobres. Com isso se vive com um sistema, onde quem detém o poder manda e vai sempre prevalecer o lado de quem tem poder. Sem dúvida isso se perpetua, pois a estrutura foi constituída pelo homem, e foram criadas várias ideologias em relação a mulher, ainda mais quando se lembram de uma passagem bíblica, a história de Adão e Eva.

Em se tratando de uma autoridade masculina, o poder do homem não está apenas presente sobre a mulher, mas também em relação aos filhos, nem que seja para demonstrar o seu poder sobre sua família. Em se tratando de poder masculino, este se manifesta em diferentes esferas da vida privada, política e econômica.

O sistema patriarcal surge de ações realizadas pelos povos europeus seguidos de uma hierarquia para praticarem os abusos e demais atrocidades para a tomada dos espaços alheios.

c) Trabalho

O trabalho é atividade onde as pessoas buscam meios de garantir o sustento de sua família ou seu próprio sustento de várias maneiras. O trabalho é também uma forma de atribuir dignidade humana, pois quem trabalha é bem visto e não é tratado como um vagabundo ou à toa. Trabalho é uma forma onde o ser humano se sente um ser significativo, pois quem trabalha tem sua dignidade e é uma maneira de justificar algumas atitudes mal vistas na sociedade e de se firmar como homem.

Sendo o trabalho um meio de desenvolver as nossas vidas, pois é através do trabalho que tornamos parte da sociedade, pois foi preciso transformar o ambiente para garantir uma vida melhor, onde precisamos de estruturas para atender as nossas necessidades, e para isso é preciso lidar com algum modo de trabalho seja ele intelectual ou braçal. Sendo o trabalho uma necessidade humana ele é também

a garantia de ter o que se comer em casa. Porém, o trabalho é também uma divisão de tarefas entre os sexos (masculino, feminino).

Contudo, o trabalho muitas vezes é uma ferramenta de garantia de identidade masculina. Sarti (1996) assevera que,

“O trabalho vale não só por seu rendimento econômico, mas por seu rendimento moral, a afirmação, para o homem, de sua identidade masculina de homem forte para trabalhar. (SARTI, 1996, p.67)

Muitas vezes, o trabalho a ser desenvolvido pode até não ser bem remunerado, mas é de grande satisfação fazer aquele trabalho como garantia de mostrar a sua capacidade de homem forte e que trabalha. Sobre isso Sarti(1996) afirma que,

“O trabalho, conferindo *dignidade* ao pobre por ser o fundamento de sua autonomia moral, legitima sua reivindicação de respeito, dentro da mesma lógica em que o trabalhador reivindica o respeito de seus familiares e garante, como chefe-da-família, a respeitabilidade de seus familiares”.

Sendo o trabalho, categoria de afirmação da identidade masculina, ele é também uma ferramenta para o patriarca da família impor o respeito desejado por ele, pois é quem conduz a família e também a sustenta, impõe sua honra e moral.

No entanto, o trabalho estabelece a imagem masculina, pois seu envolvimento com algum afazer dentro ou fora de casa é reconhecido como trabalho. Porém, para a mulher não é a mesma coisa, pois por mais que desenvolva várias funções em casa, isso não é reconhecido como trabalho. Lembrando que quando se trata de um trabalho remunerado, ai sim é reconhecido como trabalho,” trabalho complementar”, “ajuda”, apenas o trabalho masculino é reconhecido, e o homem como provedor. Mas também é bom explicitar que o trabalho é também uma forma de repressão da mulher, em se tratando de remuneração diante de suas atividades, onde muitas vezes ambos os sexos desenvolvam a mesma atividade a remuneração do homem é maior. Mas com algumas mudanças na sociedade essas diferenças já mudaram em algumas formas. Visto que é em muitos ambientes a divisão de trabalho é classificatória para os sexos, que dependendo da atividade o homem não realiza, pois é da mulher aquele trabalho, e assim por diante.

d) Afrocentricidade

Paradigma criado na década de 1980 pelo professor e pesquisador Molefi Kete Asante, com o intuito de se fazer viva a participação dos africanos no processo histórico da humanidade, pois foram deslocados de seus lugares para servir de mão escrava em vários países que faziam parte do tráfico de pessoas africanas. Porém, alguns livros de história não nos contam a verdadeira participação dos africanos usados como escravos pelos europeus, onde esses escravos construíram grandes riquezas presentes em muitos países, inclusive no Brasil. Sendo esses seres humanos usados como mão de obra escrava e barata, esses viviam em seus países de origem e possuíam suas histórias, bem antes desses invasores chegarem e lhes tomarem tudo. Mesmo havendo todo esse contexto histórico sobre os africanos, os mesmos não são reconhecidos como participantes concretos da história da humanidade, mas sim desvalorizados diante de suas próprias histórias, pois ficamos à mercê de histórias escritas por teóricos europeus. O estudioso Asante (2009, p. 93) diz que:

A afrocentricidade é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica. Muito do que estudamos sobre a história, a cultura, a literatura, a linguística, a política ou a economia africanas foi orquestrado do ponto de vista dos interesses europeus. (ASANTE 2009, p. 93)

Contudo, a intensão desse conceito não é a desvalorização das histórias já existente e contadas por outros teóricos, mas que as coisas sejam feitas de acordo com quem realmente sabe de fato o que ocorre nos tempos históricos de seu país de origem, dando assim, uma melhor visibilidade aos verdadeiros sujeitos pertencente ao seu lugar de origem.

“Assim, a afrocentricidade surgiu com um paradigma para desafiar o eurocêntrico, responsável por desprezar os africanos, destitui-los de soberania e torna-los invisíveis – até mesmo aos próprios olhos, em muitos casos”. (MAZAMA, 2009p.114).

A afrocentricidade é uma teoria centrada nas questões dos povos africanos e também dos povos negros, onde busca torna-los sujeitos autoconsciente da sua própria história e não sujeitos que são definidos por quem quer que seja, e que contam a suas histórias da maneira que lhes é cabível e do que de fato a sociedade precisa saber.

Dentro da teoria afrocêntrica percebe-se que é um paradigma que busca uma emancipação dos povos diante de um processo de escravidão que marcou todo um processo histórico de um povo.

Na afrocentricidade a teoria é centrada no povo africano e negros, dando a chance de pertencimento a esse grupo que cultuamos, para se tornar verdadeiramente a uma união comunitária e não individualista.

e) Mulherismo Africana

É um dos desdobramentos da teoria afrocêntrica, que visa dar visibilidade ao que nos pertence, assumindo assim a nossa identidade e nosso lugar no mundo, dando o direito de utilizar o que realmente nos categoriza de acordo com a nossa realidade. Mas também é uma forma de utilizar o que realmente é nosso, e não dando pontos aos grupos que maltrataram os nossos antepassados, e dos quais estudamos teorias, culturas entre outros como sendo de suas autorias. Precisamos reconhecer o que realmente é pertencente à comunidade negra, dentre elas as nossas culturas, comidas, autores, entre muitas coisas que nos foram roubadas.

É preciso que saíamos do lugar de objetos e assumamos a nossa postura de sujeitos alvos de um terrível contexto histórico, mas que resistimos e por isso estamos aqui. Dentre esses que resistiram estão mulheres que diante do massacre, alcançaram vitórias, inclusive comandando grupos e exércitos.

O Mulherismo Africana, ao contrário do feminismo euroestadunidense, parte de uma lógica não hierárquica não tendo – como centro de suas análises – as questões relativas aos gêneros e sim aquelas referentes a raça por entender que homens, mulheres e crianças negras e africanas padecem, na diáspora, de violências raciais que antecedem as violências de gênero. Em nenhum momento, nega-se as hierarquias de gênero, apenas salienta que tais hierarquias foram introduzidas no continente e na diáspora pelo colonialismo e neocolonialismo e, diante da proposta de localização presente no paradigma afrocêntrico, defende a necessidade de conhecermos as formas de organização e a distribuição dos papéis sociais anteriores a esse domínio.

Os estudos de Nah Dove, Cleonora Hudson-Weens e Oyèrónké Oyěwùmí são preciosos por nos orientarem no sentido de identificar e compreender o feminino nas culturas negras. No caso do Brasil, é preciso aprofundarmos as pesquisas sobre as

permanências das matrizes culturais africanas e sobre o protagonismo das mulheres negras na formação e manutenção das comunidades negras (urbanas e rurais). Bem documentado, encontra-se o papel da liderança femininas nas religiões de matriz africana, o que inclui além da espiritualidade todos os demais aspectos da vida comunitária como saúde, educação, alimentação e moradia, por exemplo.

No que se refere às comunidades quilombolas, a perspectiva Mulherista poderá trazer à luz, as práticas que informam a autonomia das mulheres quilombolas e oferecer instrumentos para a superação das dinâmicas machistas e sexistas presentes nas comunidades. Nesse sentido, esse trabalho pretende assinalar as autonomias das mulheres quilombolas da comunidade de Vão de Almas.

CAPÍTULO III - MATRIZES AFRICANAS NA COMUNIDADE DE VÃO DE ALMAS

Neste capítulo apresentarei a descrição e análise da minha pesquisa onde realizei entrevistas com 10 mulheres Kalunga acima de 42 anos, onde trago suas respostas a cerca de algumas questões sobre os seus afazeres e como se dá essa relação com os mesmos buscando identificar suas relações com o matriarcado africano. Durante a realização das entrevistas com essas mulheres, as quais eu já admirava, ficou mais nítido o quanto são guerreiras e conhecedoras de muitos saberes e afazeres. Com tantos saberes e afazeres essas mulheres conduzem suas vidas e de suas famílias dentro da comunidade da qual nasceram ou foi escolhida para morar quando ainda crianças.

Para a realização das entrevistas, eu me desloquei de Cavalcante em um carro de pau de arara, que faz o transporte para a comunidade Vão de Almas. Não precisei de guia, pois já conhecia um pouco do destino o qual escolhi para a realização da minha pesquisa.

Antes mesmo de ir até a comunidade eu já havia comunicado a algumas dessas mulheres sobre a pesquisa a ser realizada com elas e muitas me deram total apoio. Já outras eu encontrei em uma reza na casa da minha tia, e uma logo se ofereceu sem nem mesmo saber que já se encontrava na minha lista e bastava apenas lhe comunicar sobre a pesquisa.

As mulheres que escolhi para serem as depoentes, não moravam muito perto uma das outras. Sendo assim, caminhei bastante para a realização deste trabalho, mas sempre quando saía para fazer as entrevistas às vezes estava muito empolgada, outrora com medo de que algumas mulheres não quisessem participar da pesquisa. Mas, quase tudo deu certo! O que não deu foi quando fui até à casa de uma mulher que segundo informações, é parteira, mas chegando lá, não a encontrei.

A realização desta pesquisa com essas dez mulheres ocorreu em suas respectivas casas, sempre quando chegava em umas dessas casas foi raro não encontrar uma delas realizando um afazer!

III. 1.As mulheres de Vão de Almas: suas histórias de vida

Neste item, buscarei descrever um pouco da vida dessas mulheres, que juntas eu acredito que representam - com histórias de vida as vezes um pouco diferentes - mas que uma contempla a outra, ou melhor, as outras mulheres Kalunga desta comunidade. Digo isso, porque vejo cada uma das mulheres Kalungas como guerreiras seja da maneira de como constitui suas próprias vidas, ou pelo fato de se reconhecer como mulher negra e quilombola.

Gostaria de deixar aqui, a minha satisfação em ter entrevistado essas mulheres, mesmo com algumas dificuldades em realizar as entrevistas. Sempre que ouvia as respostas dessas mulheres, vinham em minha mente, lembranças da minha vó Anacleta, uma mulher que pelos relatos dos familiares foi uma lutadora e guerreira em criar os seus filhos com a ajuda do filho mais velho e de alguns parentes.

Vejo nessas mulheres, histórias de vida muito sofridas, mas que são gratas pela vida e que trazem em seus relatos histórias marcantes, mas que em meio a essas histórias sempre há espaço para sorrir e a satisfação de ver que venceram muitos obstáculos seja em tempos sombrios ou não.

As colaboradoras depoentes para este trabalho foram as seguintes guerreiras: Luzia Francisco da Conceição, Deusami Francisco da Conceição, Dirani Francisco Maia, Maria da Silva Santiago, Silvina Francisco da Conceição, Birda Dias dos Santos, Jandira dos Santos Rosa, Getúlia da Cunha, Alzira Bispo da Cunha, Santa Dias dos Santos.

Figura 2-Dona Getúlia comunidade Vão de Almas, festejo de Nossa Senhora D'Abadia



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos(2013)

A) Dona Getúlia, nasceu na Fazenda Lagoa no ano de 1957. Esta senhora casou-se aos vinte quatro anos de idade com seu Euzébio dos Santos Rosa, com quem teve cinco filhos, mas vivos tem três, todos eles nasceram em casa sem auxílio de médico, apenas com ajuda da parteira e de algumas ajudantes. Ela e o marido sempre trabalharam na labuta da roça para poderem criar os filhos. Dona Getúlia estudou apenas um ano, e que mal sabe riscar o próprio nome. Sobre isso ela diz: *“Istudei, mais não preendi foi nada. Istudando e trabaiano, quando pensava que tava iscado no papel, já tava iscado na inchada”*.

Até hoje, dona Getúlia continua morando na comunidade com os três filhos e seis netos, na qual moram todos próximos. Em 2007 ficou viúva, mas não se entregou a tristeza e leva a vida cheia de alegria ao lado dos filhos, irmãos e muitos parentes. Ela e os filhos continuam na labuta da roça até os dias de hoje.

Dona Getúlia tem um conhecimento extraordinário sobre as plantas medicinais, pessoas a procuram em busca de algum tipo de remédio para curar alguma enfermidade. Além de ter esses conhecimentos, ela tem uma memória muito boa, pois guarda consigo além das várias receitas medicinais, guarda também as rezas que aprendeu com o seu pai Justino (antigo rezador da região, mas que faleceu há alguns anos), tendo também esse conhecimento, ela é chamada para rezar em muitas festas da comunidade, inclusive na romaria de Nossa Senhora D' Abadia. Com esses conhecimentos ela não fica por conta de rezar apenas nas casas das pessoas, mas também em sua própria casa, onde ela realiza a reza de

Nossa Senhora do Livramento no dia 8 de setembro e quando em 13 de dezembro realiza a reza a Santa Luzia.

Dona Getúlia é uma senhora muito extrovertida, animada, onde ela chega as pessoas já começam a chama-la pois sua alegria é contagiante.

Figura 2-Dona Santa, no rio Capivara lavando louças



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos(2015)

B) Apaixonada pelos brilhos das louças, dona Santa Dias dos Santos, nasceu na Fazenda Córrego de Arreia situado na comunidade Vão de Almas. Santa é casada com o senhor João da Cunha, há vinte anos e não tem nenhum filho, porém ajudou o marido a criar dois sobrinhos. Por ser casada com João, ela tem o apelido de Santa de João. Ela é uma jovem senhora de 43 anos, bem atarefada não gosta de ficar parada, cuida da casa e ajuda o marido na roça, muitas vezes limpa o quintal sozinha pois o marido quase não fica em casa pois sai para trabalhar nos municípios vizinhos. Além de ser trabalhadora é muito corajosa, pois seu esposo sai para trabalhar em Brasília, São Paulo e nos municípios vizinhos e ela fica sozinha e toma conta de tudo sozinha, dorme sozinha poucas vezes vai dormir na casa de algum vizinho ou encontra alguém para lhe fazer companhia. A vida dessa senhora não foi fácil, perdeu a mãe quando ainda era criança, ficou com o pai por um tempo, mas que logo a mandou para casa de parente. Com isso ela cresceu já assumindo responsabilidades, pois naquela época a criação era muito rígida, então tinha que aprender tudo de casa como (fiar algodão, tecer coberta) pois nessa época não se

comprava coberta, e ainda ajudar em outros afazeres, ela participa do projeto Girau de Saberes, onde ela produz tapetes artesanais na sua própria casa, e as vezes viaja para vende-los. Em alguns momentos de conversa, ela me relatou que se não fosse a tia, ela teria terminado de estudar, mas foi impedida e hoje as filhas dela uma era professora (mas infelizmente foi assassinada pelo marido) e a outra já está terminando a faculdade, e eu estou aqui com a cara paribá (para cima), aguentando coisa de marido, parece que não reconhece o que a gente faz. E continua: *“se eu tivesse estudo podia estar dando aula, eu tenho muita vontade de aprender. Naquela época a escola que tinha na comunidade lecionava até a quarta série e quem terminava não continuava, pois os criadores não deixava ir pra cidade pra termina”*.

No entanto, mesmo que não tenha terminado os estudos, ela guarda consigo conhecimentos que a ajudaram a sobreviver até os dias de hoje, e um desses conhecimentos são as plantas medicinais. Segundo ela muitas das plantas que conhece, foi observando os mais velhos pegando as plantas para fazer os remédios, e aí quando precisava fazer pra alguém ela já sabia mais ou menos como fazer. Santa é uma mulher cheia de sonhos mesmo não tendo realizado o que ela mais queria, que eram os estudos esse não conseguiu como desejava, mas não é de ficar se lamentando sobre as coisas que não deram certo em sua vida.

Figura 3- Dona Dirani (, Comunidade Vão de Almas, na sua casa.



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos(2017)

C) Dirani Francisco da Conceição também é uma jovem senhora cheia de vida, sempre alegre, muito hospitaleira. Nascida em beira de Capivara no ano de 1968. Não se casou na igreja, mas mora a vinte e três anos com um homem da

comunidade. Ela não frequentou escola quando criança, pois não havia, mas quando adulta frequentou uma escola mas em pouco tempo. Mãe de oito filhos, mas vivo tem sete. Criou os filhos, hoje em dia ajuda a criar os netos, para a filha sair para trabalhar fora da comunidade. Dona Dirani ainda cuidou e cuida de sobrinhos/as filhos de uma irmã que faleceu. Mesmo diante dos apertos que já tem passado, ela é uma pessoa muito alegre, trabalhadeira. Além de ter uma família grande, e com a casa sempre cheia ela diz: *“Fico satisfeita de ter pra dá! Sou feliz, sou descansada, sou de coração aberto! Tem vez de fazer aimoço duas vez!”* Sobre comensalismo e matriz africana, citamos a escritora ruandesa Scholastique Mukasonga que afirma, sobre sua mãe e demais mulheres Tutsi que,

Seu maior prazer era ver os filhos comendo. Ela tinha salvado os filhos da fome trabalhando na terra do begeseras por algumas batatas-doces, cultivando uma terra hostil com um trabalho gigantesco. (MUKASONGA, 2017, p.20)

A felicidade de dona Dirani em servir as pessoas fica nítido em seu semblante. Dirani é uma costureira de mão cheia, e sempre tem uma encomenda para fazer. Além de costureira ela também tira óleos para vender para quem chega em sua casa ou até mesmo vender na cidade. No dia em que fui na casa dela, ela estava toda animada organizando os produtos para vender em uma feira em Brasília, por meio de um projeto chamado Pacari (Mães de óleos) Kalunga. Ela também não aguenta ficar parada e sempre está realizando algo para ocupar o tempo. Muitas vezes dona Dirani conta com a ajuda dos filhos e sobrinhos para realizar algumas tarefas.

Dona Dirani gosta muito de costurar e fala com satisfação dos trabalhos que realiza e de ter ensinado as meninas a costurar. Ela fez um relato, onde fala da infância ao lado de seus pais e disse: *“Não tinha maquina, e nessa época custurei até di noite, pra ir pra festa da rumaria! Custurei até na beira do fogo junto com mamãe! Antigamente papai fazia precata de couro, e quando nois vinha do Brocotó, tinha que vim pulando por causa da areia quente!”*

A alegria de dona Dirani é tão contagiante que até quando conta algo sobre sua vida, muitas vezes sorri e não se entrega a tristeza.

D) Nascida no ano de 1950 na fazenda Terra Vermelha, dona Maria da Silva Santiago é uma senhora cheia de vida, hospitaleira, gosta de conversar e conduz sua vida ao lado do esposo. Casou-se com dezessete anos no dia da padroeira da Comunidade Nossa Senhora D'Abadia. O seu casamento pode se dizer que começou desde criança, através de uma brincadeira de familiares. Mãe de quatorze filhos, mas que vivos tem onze. Mesmo já sendo bisavó dona Maria não apresenta um semblante cansado, mas sim de quem viveu e vive tentando conduzir a vida da melhor maneira possível. Em sua época de adolescente pode-se dizer que não tinha escola, e quando teve os criadores não deixava frequentar. Em sua fala diz o que os criadores falaram:” *Oceis vai cumer iscola? Não vai trabaiar não!*”

Hoje ela e o esposo já são aposentados, têm uma casa na cidade, mas continuam morando na comunidade perto de alguns filhos que ainda vivem por perto deles, pois muitos moram em Brasília. Mesmo tendo casa na cidade dona Maria não gosta de ficar muito tempo na cidade, porque se sente melhor na comunidade. Ela gosta de dançar a sussa, mas agora já se sente um pouco cansada, mas que de vez enquanto dança. Em relação a dança da sussa ela diz: *“Saí foi muito daqui pra São Paulo tudo já mexi dançando! Quando chega uma idade que não tá aguentando, a gente deixa pros mais novo!”*

Ao falar dos filhos ela se sente muito feliz, pois tiveram a oportunidade que ela não teve, de estudar! Sempre feliz a dona Maria adora conversar, acompanhar as rezas, brincar e tem uma satisfação em receber as pessoas.

E) Mãe de doze filhos, mas que vivos tem oito, dona Silvina Francisco da Conceição nascida no ano de 1944 na fazenda Barreirinho, teve todos os seus filhos na comunidade com a ajuda de parteiras. Casou-se aos vinte anos de idade no mesmo dia do festejo da padroeira da comunidade. Chegou a frequentar escola depois de adulta, mas não aprendeu.

Com seus filhos todos criados e já tendo bisneto, dona Silvina e seu esposo já são aposentados, vivem até hoje na comunidade, mesmo tendo uma casa na cidade preferem um lugar mais tranquilo, é onde eles conduziram suas vidas ao lado dos seus pais e também depois de terem se casado. Dona Silvina e seu esposo tem muita história para contar sobre a comunidade. Eles contam que na época em que se casaram na comunidade tinha muita fartura e que muitas vezes viam passar pessoas muito negras com trochas na cabeça, mas que não falava nada ou quando

percebia quem já se encontrava sentado no batente das portas. Conversar com Silvina é muito bom, pois a mesma é muito engraçada sempre nos fazendo sorrir das histórias ou algum palavreado que falava.

F) Nascida na fazenda Olho D'Água na comunidade Vão do Moleque no ano de 1952 dona Brirda Dias dos Santos, fez sua vida mesmo foi na comunidade Vão de Almas. Casou se aos vinte e um anos de idade com um homem nascido no maranhão, mas que considera seu lugar de origem na Maiadinha no Vão do Moleque. Ela teve sete filhos, porém perdeu dois ainda bebês. Dona Brirda criou todos os filhos e também uma sobrinha que perdeu a mãe muito cedo. A história de dona Brirda após alguns anos teve uma reviravolta muito grande, porque após ter criados todos os filhos entre essas duas mulheres, ela perdeu uma das filhas brutalmente assassinada pelo marido, e essa filha deixou duas crianças uma ainda com meses de vida. O sofrimento para dona Brirda não foi pouco, mas ela soube contornar a situação com a ajuda de sua família, e após o acontecido ela ficou com a guarda dos netos, dos quais ela cria com muito carinho ao lado do seu esposo.

Mesmo com essa grande perda, dona Brirda é uma pessoa muitas vezes alegre e que carrega na memória muitos momentos bons. Mesmo não tendo frequentado uma escola, ela e o esposo buscaram dar para as filhas a oportunidade de frequentar a escola. As duas filhas de dona Brirda estudaram, e uma chegou até dar aula na comunidade, mas foi impedida de continuar a viver. A outra tem até curso superior, o que é uma satisfação tanto para dona Brirda como para seu esposo. Criando os netos, dona Brirda leva-os para a escola todos os dias. A rotina dela é dura, porque em época de seca, o rio que é mais próximo de sua casa, fica seco e ela precisa andar alguns quilômetros para conseguir água para casa e fazer os cuidados da casa. Em suas idas para rio, sempre há um neto em sua companhia, ou um dos filhos. Brirda gosta muito de conversar e fala algo voltado a fala dos mais antigos. Ela e o esposo assim como dona Silvina, também viam pessoas chegar na comunidade, que quando percebia, quem é entrava e sentava dentro da casa, mas não sabia dizer de onde vinha e pedia as vezes comida e continuava a caminhada.

Figura 4- Dona Jandira, Comunidade Vão de Almas, festejo de Nossa Senhora D'Abadia



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos (2013)

G) Nascida e criada dentro da comunidade Vão de Almas no ano de 1939, dona Jandira dos Santos Rosa é quem faz par com dona Getúlia na realização das rezas nas casas e também na romaria. Casou se aos vinte e um anos em um casamento arranjado pelos pais. Deste casamento tiveram dois filhos, mas um morreu aos sete anos de idade. Seus pais são de estados diferentes, mas que se encontraram na comunidade Vão do Moleque, sendo sua mãe dessa comunidade e o seu pai um rapaz baiano que havia se mudado para a mesma comunidade.

Hoje em dia dona Jandira, quase não realiza muitas tarefas, pois está com problemas na visão e também nas pernas. Porém, ela não deixa de fazer o que gosta e onde for solicitada a sua presença, ela vai e realiza a reza. Há quatro anos ela ficou viúva, mas há algum tempo já tinha outro companheiro, pois não era divorciada, e como era casada com outro ela se considera viúva. Ela mora perto do único filho e de seus netos e bisnetos. Com isso ela conta com a ajuda dos parentes para a realização de alguma tarefa caso não consiga realizar. Pela idade que tem, dona Jandira é bem disposta a conversar quando lhe é oportuno falar e carrega consigo muitas lembranças da comunidade da qual vive até os dias de hoje.

H) Nascida na fazenda Joana Pereira das Virgens no ano de 1966 dona Alzira Bispo da Cunha, teve dez filhos, mas vivos tem sete. Frequentou a escola, mas não aprendeu nada. Separada do primeiro casamento há alguns anos, ela conduz sua vida ao lado de uma outra pessoa. Dona Alzira após quase cinquenta anos sendo

católica, ela agora segue outra religião, mas que não a impede de ir ao festejo, mesmo que não participe das comemorações dos católicos. Tendo ela cinco filhos homens e duas meninas, a que ainda a faz companhia é a filha casula, pois os demais já se encontram fora da comunidade. Alguns trabalham e buscam estudar também, seja em municípios vizinhos ou até mesmo em Brasília.

Sendo muito trabalhadeira, ela sempre está fazendo alguma coisa seja dentro de casa ou na casa de alguém. Ela mora perto de dona Santa, o que as divide é o rio Capivara. Mas mesmo assim muitas vezes uma faz companhia para outra no período da noite, ou até mesmo compartilham alimentos quando percebem que uma não tem. Elas se dão muito bem!

Figura 5- Dona Luzia, Comunidade Vão de Almas, sentada ao chão mostrando as plantas medicinais que tem em casa.



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos(2017)

I) Luzia Francisco da Conceição nasceu no ano de 1954, na fazenda Joana Pereira das Virgens. Seu casamento foi arranjado pelos familiares e se casou na igreja católica. Mãe de oito filhos e vó de oito netos, dona Luzia mora na comunidade com seu marido e um neto que eles criam. Ela e seu marido são quem tomam de conta da igreja da capela no festejo de Abadia. Frequentou escola depois de adulta, e aprendeu a assinar o nome, mas não sabe escrever o sobrenome. Sendo toda disposta, ela participa do projeto Girau de Saberes, e que de vez enquanto viaja para Goiânia e outras cidades, onde aprende e ensina sobre as plantas medicinais. Sendo conhecedora de muitas plantas, ela prepara garrafadas para quem quiser.

Basta encomendar! Se antes não ficava sem remédios medicinais em casa, agora que não fica mesmo!

Dona Luzia é de família de baiano com índio tapuio. Ela é muito hospitaleira, alegre, e quando fica doente ela mesmo busca preparar o remédio para a cura da enfermidade. Ela e o marido já são aposentados e tem casa na cidade, onde construíram para dar estudos para os filhos. Vão para a cidade, mas preferem ficar na comunidade cuidando do que já construíram na comunidade. Junto com o marido, eles lutam para não deixar algumas tradições acabarem e tomam a frente para realizar.

Figura 6- Dona Deusami, sentada embaixo do pé de manga.



Fonte: DIAS, Daiana dos Santos(2017)

J) Muito conhecida por dançar a sussa com a garrafa na cabeça e por belos passos, dona Deusami Francisco da Conceição, nasceu no ano de 1975 na comunidade Vão de Almas e se criou e até hoje mora na comunidade ao lado dos netos e filhos. Mãe de sete filhos e vó de sete netos, dona Deusami é conhecida pelo nome de "Fiota". Ela frequentou à escola depois de adulta, mas não aprendeu assinar o seu nome. Dona Deusami é muito feliz com sua família e com os trabalhos que realiza com o auxílio da família e de um modo muito especial o seu esposo Calixto que sempre a acompanha. Ela é uma jovem senhora que não aguenta ficar quieta e sempre está produzindo algo para ser comercializado na comunidade ou até mesmo nas cidades. Quando está na comunidade ela sempre recebe visita de pessoas de outras cidades. Sendo muito conhecida, ela e o esposo sempre estão integrados em algum

projeto. Agora mesmo em volta da sua casa, foi construído um pequeno espaço para a produção de óleos, onde outras mulheres da comunidade também participam. Dentre essas participantes estão dona Santa e dona Dirani que por ocasião é comadre e vizinha da dona Deusami.

Neste ano de 2017, dona Deusami teve uma das casas queimada, mas ninguém se machucou com o fogo, apenas perderam alguns bens materiais. Ela e o marido são pessoas felizes da vida, e que tem satisfação em receber as pessoas em suas casas.

III.2. A mulher Kalunga e suas relações

A luta das mulheres Kalunga, não está ligada somente na lida da casa cotidianamente, mas sim em uma rotina que engloba e forma toda uma estrutura de cuidados com outros meios que as cercam. Ou seja, as mulheres Kalungas nem sempre ocupam um determinado lugar específico em se tratando da realização dos trabalhos que elas enfrentam, pois sabem que é a melhor maneira de garantir a sobrevivência de suas famílias.

As mulheres Kalungas carregam consigo vivências muito parecidas, pois tem em suas vidas heranças passadas de geração em geração, por mais que haja alguma mudança essas mulheres buscam conduzir suas vidas familiares como lhes foram passados, de maneira a preservar a suas identidades de mulheres negras e quilombolas. Essas mulheres são muito reservadas quando se trata de contar suas vidas, pois temem a sua exposição no meio da comunidade. Por mais que isso as deixe indignadas, elas não gostam de se expor, porém devido o desenvolvimento da comunidade muitas mulheres buscam conduzir suas vidas de maneira diferente e aproveitam as oportunidades de sair da comunidade seja ela para trabalhar, estudar, expor seus artesanatos ou até mesmo realizar apresentações da dança sussa. Com isso, muitas mulheres sejam mais velhas ou jovens estão mostrando aos poucos suas características de mulheres Kalungas, derrubando assim preconceitos e discriminações que as cercam dentro ou fora da comunidade.

Como dito anteriormente a vida cotidiana da mulher Kalunga não se resume apenas nos cuidados da casa, mas em meio a isso elas se destacam em outros cuidados e conhecimentos de outros meios que as cercam. As mulheres de Vão de

Almas desempenham diferentes fazeres, e dentre esses fazeres estão as relações que descreveremos a seguir.

III.2.1. Casa, quintal e roça

A obrigação das mulheres de Vão de Almas se resume primeiramente entre os cuidados da casa, logo pela manhã, onde elas dá seguimento ao preparo do desjejum para a família e para si. Em seguida dá o seguimento para o adiantamento de algo para a preparação do almoço, ou na limpeza dentro e no entorno da casa.

As mulheres de Vão de Almas tem muita apreciação pelo asseio da casa da família, pois elas temem que possa chegar alguma visita. Ou seja, elas percebem que o asseio da casa revela quem elas são.

A relação das mulheres Kalunga com a casa, quintal e a roça muda de acordo com a estação climática da região, pois quando é época de seca elas se dedicam aos cuidados diários da casa e também na realização de algum fazer como a produção de algum artesanato, produção de farinha, procura de algum fruto do cerrado da época com: jatobá, caju, tingui, coco ou sair para trabalhar fora da comunidade ou até mesmo para alguém da comunidade como a produção de farinha na meia. Quando é época de chuva e que já está próximo nos cuidados com a roça, os fazeres dessas mulheres duplicam, pois além da casa há outras tarefas que elas desempenham ao lado da família, ou apenas ela e o esposo. As mulheres procuram ajudar se ajudar e ajudar a família de qualquer jeito, novamente recorremos a Mukasonga em nossa busca pela matriz africana.

Na desgraça e miséria que vivemos em nosso exílio em Nyamata, o que se esperava de uma boa esposa era sua força de trabalho; pois, sobre, ela, recairia a necessidade de cultivar o campo para alimentar a família; revolver a terra e lavrar com os pés descalços na lama, as mãos cheias de calo por causa da enxada. Uma boa mãe de família nunca hesitava diante do trabalho, por mais duro que fosse. (MUKASONGA, 2017, pg. 108).

Essas mulheres não tem conhecimento apenas dos trabalhos que dizem ser designados a elas, pois muitas se for preciso fazem o mesmo trabalho desenvolvido pelo homem, porque aprenderam toda a forma de trabalho, tanto os “masculinos” quanto os chamados “femininos”. Como relatou dona Birda ao ser perguntada sobre os trabalhos desenvolvidos pelos homens e pelas mulheres:

Tem versos, mais eu fui aquela pessoa que mãe ensinava a parte da mulher e pai a parte do homi. Prendi fazer tudo! Só não intera cana, praque faiz mal (se a mulher engravidasse, sua gravidez podia não ocorrer muito bem). (Dona Brirda)

Ou seja, se for necessário as mulheres desempenham qualquer tarefa, porém muitos fazeres designados para as mulheres muitos homens não sabem realizar, pois isso vai variar de acordo com a criação dada aos filhos. Dona Jandira que teve dois filhos, mas que perdeu um, diz o seguinte quando perguntada sobre a criação recebida pelo pais e a que ela deu para seu filho, responde dizendo:

Eu fui insinando capinar, fiar e costurar. As veiz arruma muié que não sabe remendar, e precisa saber! Mais hoje o povo não que ropa remendada não"! Ele custurava mió do que eu! Até hoje se dá uma caiça, ele sabe onde junta os pedaços! (Dona Jandira)

Percebe se que dona Jandira é uma mulher cheia de saberes e que esses saberes ela ensinou ao filho, e isso para ela é uma grande satisfação pois é como se do que ela aprendeu, ela passou o seu legado ao único filho, pois sabia da necessidade de se aprender outras coisas além do trabalho da lida da roça.

A roça faz parte da terra, a e terra é a casa do homem. Assim a roça e o território confundem-se. Na condição de território, a roça pertence aos ancestrais sendo administrada pelo grupo constituído da família extensa. (BAIOCCHI,2006, p.60)

A mulher Kalunga não fica à mercê de um único aprender de fazeres e de tudo um pouco sabe realizar. Em conversa com dona Santa em relação aos trabalhos desenvolvido por ela, ela responde dizendo a seguinte frase:

Tudo, tanto de homi como de muié. Mexer com ceica de arrame, gado, fiado de ter um serviço ali de mexer com arrame, eu não ganhar minhas moeda... eu vou! Serviço de homi que eu não faço, é roçar e derrubar roça! (Dona Santa)

Todas essas mulheres que plantam ou que já plantaram roça, sabem que nesta época os serviços dobra, porque além do trabalho na roça vem também o cuidado com o quintal:

Os quintais são pequenos espaços sem limites do rural ou do urbano, que, ora sob o olhar de uma cosmovisão africana fora dos terreiros, ora como lugar de encontro ao longo da história, aparecem como espaços de antigas relações homem-natureza". (GOMES, pg,286)

Mesmo que todos trabalhem juntos, os serviços da mulher ficam mais puxados, pois por mais que adiante alguma em casa, a mulher vai para roça trabalhar e quando chega um certo horário, ela precisa interromper o trabalho na roça e ir seguir o caminho do rio para lavar as louças e ir para casa preparar o almoço, e enquanto isso o homem continua na roça ou interrompe o trabalho e fica à espera do almoço.

Geralmente toda casa seja ela na cidade ou zona rural, ela é constituída por um quintal seja na frente ou em torno da casa. Sendo assim, muitas vezes o quintal é considerado um trabalho específico da mulher. Talvez, porque é considerado um espaço pequeno e por estar mais próximo da casa!

Nas áreas rurais, esses espaços aparecem no entorno da casa e se caracterizam por modo de produção diferenciado do modo moderno de produção rural, com destaque para a biodiversidade, o respeito aos ciclos e a utilização de mão-de-obra familiar, com grande presença de mulheres". (GOMES, pg. 286,288).

Mesmo sendo um espaço pequeno ou grande o quintal é um espaço que muitas vezes representa os saberes de mulheres e homens com muitas plantas medicinais e também com o plantio de produtos que ajuda na sobrevivência e alimentação da família e um relacionamento constante com a natureza.

Nos quintais, as mulheres plantam ou preservam plantas que ali já se encontravam quando fizeram a casa. Nos quintais são encontrados diferentes tipos de plantações, tais como: mandioca brava e mansa, milho, jiló, quiabo, gergelim, maxixe, capim de cheiro, manga, laranja, algodão, erva-cidreira, abóbora, melancia, sete dor, folha santa, poejo, neovalgina, capim-santo, hortelãozinho, dipirona, arruda, alecrim, carrapicho-barra-de-saia, babosa, carro santo, manjerição, favaca, picão, gervão, vento livre, coentro (cheiro verde), mastruz, algodão, andu, chihoio, artimijo.

Sobre os quintais as mulheres Kalungas tem uma forte relação com os mesmos. Durante as minhas entrevistas as depoentes falaram as seguintes frases, das quais destaco algumas, quando pergunto a elas sobre os cuidados do quintal e o que representava?

Quem cuida é eu mais meu marido, meu fio. Quando eu saio a minha nora cuida pra mim. Ele representa as coisas que eu pranto mandioca pra fazer farinha, crio minhas galinhas e tem meus remedinhos. (Dona Deusami)

Os quintais assim como os demais terrenos também sofrem com a estiagem da chuva. Não tendo no quintal as plantações que necessitam as mulheres se sentem com essa falta, pois é desse espaço que muitas vezes fazem o cuidado com a saúde da família.

III.2.2. As águas

A comunidade Vão de Almas é um lugar onde a população é contemplada por diferentes rios que cortam a comunidade e privilegiam a população com água em abundância. Com a diminuição das chuvas muitas famílias não possui mais esse privilégio, pois alguns rios e grotas estão secando com a falta de chuva. Com isso muitas famílias se encarregam de pegar água nos rios mais próximos que não secaram com estiagem. Os rios que cercam a comunidade são: rio Paranã, rio Branco, Capivara, Gameleira, Pedra Preta, Capim Puba, Capôa etc.

O rio Paranã é o maior rio que corta a comunidade Vão de Almas fazendo divisa com a comunidade Kalunga II, permite sua travessia com canoa ou a nado e em sua volta há enormes pedras, uma vez que não há ponte sobre ele. Lá se encontram várias espécies de peixe como jaú, surubim, caranha, traíra, piabanha e outros.

É um rio de correntezas fortes que podem carregar qualquer indivíduo seja de pequeno, médio ou grande porte, há apenas uma cachoeira maior encontrada no seu percurso conhecido, já bem próximo da comunidade Ribeirão dos Bois, conhecida pelo trajeto dos povos Kalungas da comunidade Vão de Almas ao se deslocar para a cidade a pé ou a cavalo e é um lugar onde aglomera muitas pessoas em época das águas em busca de pescas. Nesta época os possíveis pescadores pegam muito peixes, que enchem sacos. Alguns levam para vender na cidade outros o que não levam deixam sobre o relento causando assim o desperdício de alimento saudável.

O Rio das Almas (batizado de Rio Branco por um padre que julgava um sacrilégio o nome Almas) avoluma-se após receber os córregos ou ribeirões Gameleira, Capivara, Maquiné, Vagem Grande, Bananal, Escorregador, Mochila, Palmeira, Ave Maria e Terra Vermelha. (BAIOCCHI, 2006, p.23)

O rio Branco é o segundo rio maior da comunidade, e que é o primeiro rio a ser visto logo acima da serra que dá acesso adentro da comunidade Vão de Almas. A beira do rio Branco há um lugar que recebeu o nome de posso do padre, pois era

onde as pessoas paravam para beber água, acampar para: comer, dormir e até mesmo descansar, pois sendo uma viagem muito cansativa que era feita a pé ou a cavalo, havia esse lugar a frente com sombra e água fresca para quem quisesse. Após o descanso dá-se seguimento a viagem. O rio é cercado por lindos morros que quando encima da serra dá a impressão de ser muito perto de se chegar até mais próximo. Entorno do rio Branco há morros que fica próximo e que recebem o nome de vaca brava e morro do Moleque. O rio Branco recebe outro nome, antes de chegar na comunidade. No município de Cavalcante ele recebe o nome de rio das Almas. Neste rio antigamente havia muito peixe, assim como rio Paranã. Porém, com as mudanças climáticas não se encontra tanto peixe, assim como a quantidade de água diminuiu bastante. O rio Branco encontra-se com o rio Capivara e juntos desaguam no rio Paranã.

Já o rio Capivara é banhado por outros pequenos rios, o qual faz com o mesmo não venha se secar em época de estiagem. Ouvindo as depoentes, foi possível perceber quantas mudanças ocorreram por falta da chuva, pois mesmo não sendo tão grande os rios antigamente não secavam e havia grotas que também não secavam. Sobre essas mudanças dona Jandira diz:

Mudou uma quantia por causa da chuva que não chove, que diminuiu. Eu conheci até trinta dias e chuva. Farta dá chuva! Essa tá fazendo farta! (Dona Jandira)

Com a extensão da estiagem, muitas pessoas ficam sem água até mesmo para beber. A distância de algumas casas dos rios se deve a existência de água próximo de casa, mas que hoje não tem água e precisam buscar água no rio mais próximo de casa.

Uma moradora que nesta época de estiagem sofre é dona Brirda, pois o rio o qual ela utiliza, chama Capim Puba. Quando fizeram a casa o rio não secava, mas depois de alguns anos ele começou a secar. Com isso ela banha, lava louças, roupas e busca água para casa no rio Gameleira. Quando pergunto a dona Brirda sobre a distância do rio e sobre as mudanças que ocorreram, ela responde:

É longe, porque enquanto chovia era perto, e é um trem que gente não fica sem ela. Bem que o meu rio é Capim Puba quando tá chovendo. Capim Puba, bem que cai em Gameleira. Capim Puba não secava. Teve muita água, agora com chuva pouca não tem! (Dona Brirda)

Além de já ter tido água em abundância, nesses rios já tiveram muitos peixes que serviam de alimento para as famílias da comunidade. Alimento esse que muitas vezes complementava o que não tinha na mesa para comer.

Antes podia colocar panela de arroz no fogo, e ir pro rio buscar o moio, que vinha de gancho cheio! (Dona Getúlia).

Conhecer o que se tem hoje e ouvir relatos do que tinha antes, parece até conto de fadas, pois foi algo que aconteceu e que poucos conheceram e que do jeito que as mudanças vem ocorrendo muito rápido, é necessário que se tenha em registro as coisas boas que muitas famílias viveram e que sentem falta. Percebe a satisfação dessas pessoas no olhar ao relatar essas histórias.

Capivara, Gameleira já deu peixe! Jandira quando ia pescar, era catando os caju e milho era a isca. Cada uma um peixe (piabanha, traira, crumatar). Antigamente não tinha rede e nem tarrafa. Nem a isca era espidido! (Dona Brirda)

Os rios além de serem uma fonte de água saudável, ele é também a sobrevivência para muitas famílias, devido a água ser um alimento indispensável para vida humana em qualquer espaço da terra. Para as famílias Kalunga não podia ser diferente, porque necessita das águas do rios até mesmo para plantarem uma roça, pois a mesma muitas vezes é feita próxima de algum rio.

Quando criança, ouvia os povos mais velhos fazer rituais para que a chuva chovesse, porque as vezes já havia chega a hora da chuva e ela não chegava. Com isso eles pegavam cachimbos das pessoas escondido e amarravam à beira do rio. Diz que quando a pessoa procurava e não encontrava, começava a brigar, eles ficavam na expectativa da chuva vir longo, porque quanto mais valente o dono ficava, aí que a chuva viria.

Há também o ritual de ir ao cemitério e molhar as covas onde há um anjinho(criança) enterrado, para ver se a chuva chovia. Entre esses rituais havia também a dança da sussa, onde reunião as pessoas no terreiro ao meio dia para bater a sussa e dançar. A sussa é uma dança da tradição Kalunga, que são tocadas sempre em rezas, folias, e onde quiserem dançar. Os cânticos da sussa são vários, mas citarei apenas um que faz uma interface com a natureza: “*Chove chuva hoje,*

pra meu boi beber, pra nascer capim morena, pra meu boi comer, boi, boi, boi sinhá”.

As pessoas também faziam rezas para que a chuva chovesse, mas se por acaso ela viesse muito forte (tempestade), os mais velhos faziam alguma oração para acalmar o vento ou manda-lo para outra direção, com o intuito de prevenir os estragos em sua plantação.

O conhecimento das pessoas da comunidade sobre o que lhes serve como fonte vida, é de tamanha compreensão. Afinal, é um alimento essencial para nossa sobrevivência. Quando em época de chuva, muitas pessoas conhecem quando o rio está tomando água (enchendo), quando está represado, quando é possível dar vau (entrar na água e passar para o outro lado), se caso não dar vau é melhor passar de canoa ou esperar as águas baixar para poder passar.

Não sei de nenhum ritual de apresentação das crianças quando nascem serem apresentadas as águas dos rios, mas sei que antigamente quando a criança completava sete dias de nascido, os criadores dava a criança para alguém mostrar a ela a lua, dizendo as seguintes palavras: Lua luar, toma nosso filho e me ajuda criar. Depois de criado torna me dá"! Após a pessoa terminar de realizar a apresentação ela se torna compadre/comadre dos pais da criança, pois ela acaba se tornando madrinha da criança. Ao realizar esse ritual as pessoas acreditam que a criança se torna uma pessoa educada. Assim como no Vão de Almas as pessoas tinham esse costume em Ruanda onde também apresentavam as crianças para a lua. Scholastique Mukasonga (2017, pg. 68) descreve em sua obra dedicada à memória da sua mãe, onde ela destaca,

Depois de um tempo, quando a lua já estava no céu, Marie- Thérèse veio com o bebê se sentou no meio da grande esteira. Ela apresentou o bebê para as crianças e mulheres do vilarejo e, mesmo as que já o conheciam, que tinham ajudado no parto, fingiam, admiradas, que era o primeiro contato com ele. (MUKASONGA, 2017, p. 68)

Porém, de alguns anos para cá, poucas pessoas continuam realizando esse ritual. Acredito que seja porque muitas mulheres ganham seus filhos nos hospitais e antes de sete dias saem do hospital e são expostas à luz do dia, o que antes não acontecia antes dos sete dias de nascidas.

Se por acaso a criança completasse sete dias de nascida e a lua não aparecesse a criança não podia sair para fora do quarto e era esperado dia da lua aparecer para então mostrar a lua a criança.

Já no dia seguinte, Marie- Thérèse colocava o bebê nas costas e passava, orgulhosamente, de casa em casa, antes de ir para o campo. A partir daí, o bebê já podia sair de casa: ele tinha sido adotado pelo vilarejo. (MUKASONGA,2017, pg. 69).

Quando a criança era apresentada para a lua, a criança já podia sair do quarto para ver a luz do dia, mas sempre protegido, para não pegar friagem e adoecer. Com isso os parentes e vizinhos vão a casa da criança para vê-la, e também saber como a mãe está.

III.2.3.As matas

A comunidade Vão de Almas é cercada por montanhas e morros e possui uma vegetação com arbustos típicos do local. A vegetação, dos mais variados tipos, norteia a comunidade de ponta a ponta, tornando-a mais rica em belezas naturais. O que predomina na comunidade é o cerrado, onde sendo ainda bastante preservado e com a presença de serras. O cerrado é preservado, porque se plantar não produz nada, devido a qualidade da terra ser de baixa produtividade e por não utilizar mecanização agrícola. No entanto, utilizam das matas ciliares para plantarem suas roças de toco. Nessas matas as famílias caçam animais selvagens como: capivara, paca, tatu e outros para o sustento das famílias. Nelas também são um espaço para flora quanto para da fauna da região e a criação de animais das famílias da comunidade.

A comunidade tem uma grande relação com a mata, porque é dela que tiram seu sustento através das roças de tocos, constrói suas casas, curam algumas enfermidades e muitas árvores presentes nas matas são frutíferas. Dessas árvores frutíferas algumas famílias ainda as utilizam para ajudar na economia da família, produzindo alguns produtos que são vendidos nas cidades.

Muitos moradores da comunidade tem preocupação com a preservação das matas, porque sabem que se a destruir, sabe que faltara lugar para plantar.

Gente não pode desmatar, porque é aqueles que dá bastante água (pequi, sombaiba e embaúba), na prantação da roça. Não pode desmatar na beira do rio. Não pode tá cortando as aives! (Dona Dirani)

É importante demais, a gente deixa um pedacinho pra preservar, outro pra pranta quatro, cinco anos, pra cumer. Criou meus bichos nesse matinho, a madeira pra fazer minha casinha. Têm muitos que serve pra remédio! (Dona Santa)

Nas matas a biodiversidade é completa, apresentando diferentes espécies de árvores, que somente quem as conhece sabe utiliza-la.

Da mata eu conheço é muito! Arueira, álcool (tem de fulô roxa e marela), sucupira, negramina, pau-ferro, mamuda, pequi, tatarema, puxa-puxa, embaúba, sangradáuga, neegramina, nicuri, arueirinha, barú, azedinha, baunilha, gonçalo, pau-de-óleo. (Dona Getúlia)

Enfim, a mata serve para muitas coisas, mas é preciso saber usa- lá de maneira que não vá destruí-la e sim se beneficiar da mesma, com muito cuidado.

As matas, são muito importante para nós, acreditamos que muitas delas tem poderes de cura, porque dependendo da enfermidade as pessoas já conhecem alguma delas para prepararem a medicação que é feita como chás, banhos e até comestível. Temos a crença que durante algum benzimento utiliza se de alguma mata com a rama verde, pois ao realizar o benzimento identifica se a pessoa está com: quebrante, cobreiro, ao termino do benzimento a parte que foi retirada da mata fica com as folhas murchas. Para realizar os benzimentos é preciso se ter cuidados, pois pode ser que dependendo da enfermidade da pessoa e o benzedor fazer os procedimentos a enfermidade volta para quem a colocou. Até mesmo na mãe da criança pequena. Para a realização dos benzimentos não é qualquer ramo da mata o do quintal que serve, pois o retorno da enfermidade vai depender da ramada utilizada no benzimento.

III.2.4.O Sagrado

Ser sagrado remete logo a espiritualidade/ religiosidade e à valorização das crenças das pessoas em uma comunidade que ainda conserva costumes deixados por seus antepassados. Desses costumes e também das tradições deixadas pelos ancestrais, muitos são praticados até os dias de hoje, por mais que tenham ocorrido algumas mudanças.

As festas são precedidas das folias e se intercalam durante o ano. O religioso e o lazer- o sagrado e o profano – representam práticas de toda a

comunidade e concorrem para o fortalecimento das relações sociais. (BAIOCCHI, 2006, p.39).

As mulheres da comunidade são muito apegadas à religiosidade, tanto que diante dos atos religiosos não se vê a presença constante de homens. Há muitos anos havia um rezador na comunidade, mas esse faleceu há alguns anos deixando o seu legado para uma das filhas, que junto com outra mulher conduz as rezas que acontecem na comunidade. A religião que a comunidade se apegou foi a católica, mas que depois de alguns anos chegou a comunidade a religião evangélica, onde alguns católicos passaram a frequentar e se batizar nela.

Sou evangélica, mais já fui católica. Mudei, agora pra lei de crente. É uma religião até boa, praque antes eu xingava e hoje a vida melhorou. Se fosse naquele tempo, ocê já tinha ouvido eu xingar! (Dona Alzira)

Mesmo que tenha havido essas mudanças, muitos ainda preservam a religião que conhecem desde criança em respeito ao que lhes foi passado e por acreditar que sua salvação está nas práticas e devoções por algum santo e a Deus. Com isso as práticas religiosas mais antigas ainda acontecem com frequência na comunidade, onde homens e mulheres se juntam para não deixar acabar as tradições existente na comunidade.

Se acabar a cultura já era! É travez da cultura que nossa alegria vem. Sempre tem uma tradição acontecendo. Se a cultura caba, não temos valor! (Dona Deusami)

Além das tradições serem uma satisfação para a maioria da comunidade, é também uma forma de agradecimento por algo recebido.

Tem minha fia, praque quando ocê tá em situação difícil, ocê fala vala meu Deus e é valido! (Dona Maria)

A fé desse povo é muito forte, pois além das rezas aos santos há também os benzimentos a alguma enfermidade e são curados, graças aos seus saberes e fé no que faz em prol do bem estar das pessoas.

As rezas existentes muitas são específicas de algum santo, seja ele padroeiro ou não comunidade, mas que sempre são lembrados em algumas rezas, onde os

rezadores ou alguém que souber rezar algum bendito podem fazer. As rezas são tradições muito forte na comunidade, pois são feitas com muita frequência, seja nas rezas oficiais ou nas folias (divindade). As rezas são acompanhadas por mulheres, homens e crianças. Na comunidade não são somente as mulheres que sabem rezar, pois os homens também participam seja acompanhando ou até mesmo assumindo a frente com um bendito que ele sabe.

E, renunciando o fim da novena, têm início as rezas e ladainhas, puxadas pelas mulheres. A comitiva canta o Bendito – a mesa está coberta com toalha branca e repleta de alimentos para todos os presentes. (BAIOCCHI, 2006, p. 45)

Os benditos são cânticos que fazem referência a algum santo, como o do Divino Espírito Santo que diz o seguinte: *Divino senhor do céu, Divino consolador, quem consola nossas almas, quando deste mundo for? Quem consola nossas almas quando deste mundo for? Lá no céu tem um papel, é alvinho como leite, quem escreveu neste papel foi Jesus de Nazaré!* Esse bendito, é muito bonito, porém está apenas uma parte. As rezas são consideradas muito forte, e não podem ser ditas de à toas, e dependendo da reza, tem o dia de serem rezadas.

Durante os dias de giro da folia, os foliões não podem ter relação sexual, não podem estar frequentando a cozinha onde a folia posa ou almoça, não podem andar a cavalo com mulher, ou seja durante esses dias não é permitido nenhum ato intencional com mulheres. É uma tradição que vem desde os nossos ancestrais. Esses comportamentos é sinal de respeito ao santo, e também de agradecimentos aos pedidos realizados.

As festas que ocorrem na comunidade elas sempre vêm acompanhadas com a comida, rezas, dança da sussa e em seguida o forró. Por exemplo: se é um remato de folia, vem a chegada da folia seguida com o canto, o jantar (as mesas dos foliões é separada da comunidade, onde são feitas as porções e são colocadas sobre a mesa), Dependendo do jeito que o dono da casa descida fazer a distribuição da comida, a comunidade come primeiro e os foliões por último, onde não é permitido a comunidade comerem junto a eles. Após o término do jantar, os foliões cantam o bendito de mesa em agradecimento a refeição que terminaram de comer. Em seguida o pessoal se prepara para realizarem a reza, que é como um agradecimento a conquista alcançada e realizadas com louvor.

A religiosidade dos Kalunga apresenta-se entre o homem e a divindade, entre o homem e os santos, entre o homem e as práticas fetichistas (magia, adivinhação, tratamentos, amuletos). (BAIOCCHI, 2006, p. 48)

Uma das presenças marcantes da religiosidade da comunidade Kalunga, é o respeito as suas crenças religiosas. Entre esses respeitos estão a semana santa, onde é algo considerado muito forte por alguns moradores. Durante os quarentas dias de semana santa, muitas pessoas fazem jejum de algo que gosta muita, ou escolhem um dia para jejuar. Nas últimas semana para acabar a semana santa, as pessoas evita bater forte em qualquer coisa que seja cortar de machado, andar a cavalo, não bate nas crianças, tem dia de não varrer a casa, não pentear cabelo, não assoviar e nem ouvir música, evitar o consume de carne vermelha.

O autor Lima (1999, p.324) diz que:

“E ainda, apesar das recentes aberturas canônicas da igreja Católica, no cardápio *magro* da Quaresma. Certo entendermos magros como equivalente a *sem carne*, mas nele ressalta a prevalência dos peixes e dos frutos do mar”. (LIMA.1999, p. 324)

Normalmente, muitas pessoas passam os quarentas dias sem consumir carne vermelha, principalmente quem não tem pai e nem mãe, ou algum dos dois não vivos mais. É preferível que durante a semana santa se coma carnes brancas (peixe e frango), ou seja animais que não se amamentam.

Antigamente durante esses dias santos considerados pelos mais velhos, muitas pessoas saiam para rezar nas casas das pessoas. Por fim, após alguns anos essa tradição não prevalece como antigamente, podendo até haver rezas mas cada um na sua casa.

III.2.5.A Saúde

Sendo um território que serviu de esconderijo a pessoas que fugiam das mãos de senhores que escravizavam pessoas negras, onde essas pessoas eram sequestradas de seus territórios de origem, para servirem de mão de obra barata. Enquanto muitos foram submetidos a trabalhos árduos de sol a sol, acompanhados de terríveis castigos, muitos procuravam meios de sobreviver longe daquela situação desumana.

Ao chegarem ao novo local, essas pessoas buscaram meios de constituir suas vidas em meio a serras e grotões. Com isso, aprenderam a lidar com o que a natureza lhes oferecia. Sem contato com outros meios a não ser com o seu próprio grupo, essas pessoas adquiriram conhecimentos que lhes proporcionaram a vida e de toda a comunidade, que até os dias de hoje se utilizam desses conhecimentos como garantia da sobrevivência da família. Entre esses conhecimentos herdados de seus ancestrais, está o cuidado com a saúde e a cura de doenças. Novamente, recorreremos a Mukasonga objetivando identificar essa matriz:

Sua farmácia era feita de ervas, tubérculos, raízes, folhas de árvores da savana, Ela ensinava aos que queriam cultivar as plantas quais deveriam ser respeitadas e colhia, em seu jardim medicinal, as que usava para fazer os remédios.

Como boa mãe e família, mamãe tinha todos os tipos de receitas para enfrentar doenças e feridas que, cedo ou tarde, atingiriam os seus. (MUKASONGA, pg.59).

Para o cuidado com a saúde e cura das doenças a comunidade utiliza o que a natureza oferece e o que são plantados no quintal, que são espécies de plantas que ali já existiam, de acordo com suas necessidades as pessoas passaram a experimentá-la descobrindo assim a serventia de suas folhas, raízes, flores, cascas e caule. Da propriedade das plantas essas pessoas aprenderam a usá-las como remédios para a cura de várias doenças. Nessas plantas descobriram o que serve para beber, lavar partes do corpo, cheirar e até aquelas que se usa de várias maneiras, inclusive para benzimentos.

Quando estava em campo entrevistando dona Deusami, a mesma me ofereceu um xarope de craíba, que por sinal estava muito forte, devido ter vários outros ingredientes medicinais. O xarope de craíba, serve para gripes e peito aberto²

Eu conheço baru, cagaita, jatobá, caju, vem sucupira (até que o povo tá usando pra infração de garganta! Tem muito mais! (Dona Brirda)

O cuidado com a saúde e prevenção de doenças vem desde os mais antigos, pois são saberes passados de geração em geração e que permanecem até os dias de hoje, pois mesmo que possam ir até a cidade as pessoas procuram cuidar das

² Peito aberto: é causado pelo levantamento de muito peso, ou até mesmo da maneira como é pego o peso. Quando isso ocorre, a ponta do osso no meio do peito aparece, ou o osso descoloca ficando assim um pequeno buraco no meio dos peitos, causando a falta de apetite, dor no estomago e até mesmo dores no corpo todo.

enfermidades com chás caseiros, extraídos das plantas medicinais encontradas na comunidade. A saúde, na comunidade, não é contemplada com a presença de centros de saúde, mas conta com agentes de saúde que atuam na região. Contudo, quando a doença é grave as pessoas precisam solicitar um carro traçado da prefeitura do município.

Enquanto não se tem o posto a comunidade se beneficia dos cuidados de parentes e dos benefícios das plantas medicinais que são manuseadas pelas pessoas para a cura de várias enfermidades.

Os remedios que nois usa vem de família, porque vai contando pra nois e nois preende, então vem desde os mais veió e continua a mesma coisa!
(Dona Getúlia)

As plantas medicinais não são manuseadas pelas mulheres somente na comunidade, mas também nas cidades, pois muitos dos que moram na cidade vieram de comunidades e não deixamos de utilizar os remédios que conhecemos, então muitas vezes nós recorremos aos saberes dos antepassados, e mesmo estando próximos de hospitais recorremos a esses saberes. Lembrando que muitos desses saberes estão a encargo das mulheres, que se preocupam mais com o bem estar da família, e estão sempre a observar e aprender com quem tem mais conhecimentos.

III.2.6.A Linguagem

A língua portuguesa brasileira é repleta de diversidades, onde os sujeitos com suas particularidades desenvolvem seu jeito de falar de acordo com a região e suas culturas envolvendo também a classe social de cada um. Sabemos que com a colonização a língua passou por mudanças, por ser um país colonizado pelos europeus o Brasil recebeu inúmeros povos africanos que foram sequestrados para servir a submissão de trabalho escravo. Esses povos saindo de seu país, os mesmos já tinham sua língua, mas com essa translação entre as Américas, esses povos foram obrigados a deixar suas falas de origem tendo que se adaptar a língua do seu dominante/ colonizador.

Com o sequestro do povo africano, os colonizadores tiveram atitudes perversas de não deixar os falantes da mesma língua, para não haver assim uma

comunicação entre eles, fazendo com que se prevalecesse a sua língua de dominador. Porém, o povo dominado teve que estabelecer uma comunicação entre eles, mesmo que fosse na língua do dominador. Com a tentativa de comunicação, esses povos acabaram deixando marcas de suas línguas de origem, fazendo uma interface com as palavras do português e das palavras africanas, nativos e indígenas, que deram origem a várias outras palavras na mistura dessas línguas, surgiu assim vários dialetos que as pessoas se comunicam e se entendem conforme sua origem e localização.

A língua presente na comunidade Vão de Almas é a língua portuguesa. Mas por ser uma comunidade situada na zona rural, e de povos pertencente ao quilombo onde serviu de esconderijo de pessoas que foram escravizadas, falam de um jeito diferente, as vezes pelo som da palavra pronunciada, ou que não seguem a norma culta do português, que para alguns esse é o jeito correto de se falar. Por ser uma comunidade pessoas remanescentes de pessoas escravizadas, muitos não possuem escolaridade, ou seja permanece o linguajar dos seus ancestrais e também uma valorização da língua, sua língua cultural.

Se compararmos, a fala de jovens que não frequentaram uma escola, ou que frequentou por muito pouco tempo a sua maneira de falar será diferente de outro jovem que frequentou por mais tempo à escola. O jeito de nós quilombolas pronunciarmos algumas palavras, é visto como uma pessoa que fala errado ou que não sabem falar, assim, surgiu um preconceito com quem é Kalunga.

Por pertencer a essa comunidade e que convivo até os dias de hoje com meus parentes que utilizam o linguajar dos mais antigos, me sinto privilegiada por perceber que essas diferenças permanecem, e que só reforça cada vez mais quem somos, sim, um povo de origem diferente, mas que isso ocorreu devido o contexto da colonização.

Quando tinha sete anos vim morar com uma tia em Brasília, sofri bastante com os sorrisos das pessoas, sobre meu jeito de falar, como diziam "roceiro". Com isso cresci com medo de falar e estar falando tudo errado. Aos treze anos quando retornei novamente para Brasília, não foi diferente, porque além dos comentários e correções de alguns parentes, os risos do jeito que eu falava permaneceram também na escola, e no local de trabalho. Isso, foi algo que fez com que eu me fechasse cada vez mais, porque cada vez que abria a boca tinha algo que

incomodava as pessoas que ouviam. Com tantas correções e também com a escolarização o meu jeito de falar não parece mais com o falar do meu povo, por mais que pronuncio ainda as palavras dos nosso contexto de falar. Porém, quando estou no meio do meu povo fico a vontade, porque ali podem até surgir alguns risos, mas não me importo mais.

O preconceito que passei a alguns anos atrás permanece até os dias de hoje com meu povo Kalunga, porque as pessoas ainda joga os pelo jeito de falar.

Durante as minhas entrevistas pude perceber que essas mulheres ainda utilizam o falar dos antigos, e que utilizam também do português popular, do qual diferentemente de se estar na zona rural ou urbana é utilizado.

O preconceito em torno do falar dos Kalungas é um desprestígio ao português popular principalmente ao jeito da pronuncia de cada um, onde muitas vezes é trocado por alguma letra, como R por L, ou acréscimo de letras onde não é necessário. Ao lerem este trabalho, perceberam que algumas palavras estão dando como erro. No entanto, como fiz entrevistas com mulheres quilombolas, eu quis deixar a marca delas nas suas pronuncias das palavras, e de seus jeitos delas falarem. As palavras são várias, tais como: caíça, aimoço, fulô, cumer, ocê, muié, comeissa, trabaio, moio, homi, sinhô, mió, prumunia, premdi, gonhá. São diversas palavras, mas como o que interessa é estabelecer uma comunicação, nos entendemos muito bem.

Sendo a língua um importante pilar de formação cultural de um povo, a comunidade Kalunga ainda a utiliza, não deixando de lado suas maneiras e jeitos de falar, por mais que isso incomode alguns.

E nós como pertencente a uma diversidade, precisamos manter a nossa originalidade, e assim como eu e outros Kalungas que tivemos a oportunidade de entrar em curso superior como o de Licenciatura em Educação o Campo, precisamos mostrar aos demais que não falamos errado, mas que temos regras gramaticais que precisam ser respeitadas. Ou seja, podemos nos comunicar do jeito que nos entendemos, mas que é preciso ficar atentos a norma padrão culta da escrita.

III.2.7. A Educação

A educação é um processo que ocorre primeiramente em casa, mas há outro espaço que oferece ao ser humano outra forma, que é a escolarização, a formação intelectual que possibilita aos seres humanos o ensino aprendizagem dentro de uma instituição pública ou privada, garantindo assim a socialização de conhecimentos de várias maneiras.

A escolarização atualmente, na comunidade, tem mudado bastante, porque antigamente na época da mocidade das depoentes, pode se dizer que não existia escola, mas a que havia ou era longe de casa ou os criadores não deixavam os filhos/as estudarem. Antigamente quem frequentava escola eram poucos e as vezes as meninas quase não iam, porque eram ensinadas apenas a lidar com os serviços de casa para quando casarem saber conduzir uma casa. No entanto, quem chegou a frequentar alguma escola alguns responsáveis viam a escola como um empecilho para a realização do trabalho na roça, ou então quando terminado a série de ensino, não deixavam sair para terminar os estudos em outro lugar. Uma das depoentes relata:

Istudei até a quarta série, hoje é o quinto ano que chama! Pai queria que eu fosse para Brasília estudar, mas a minha tia que mi criava não deixou, porque se não, não cassava! (Dona Santa)

A educação na comunidade muitas vezes contava com a solidariedade de alguns moradores que sabiam um pouco de leitura, procurava ensinar aos que tinham interesse em aprender.

Quando eu estava em trabalho de campo, foi possível perceber pelos relatos de algumas depoentes que frequentaram a escola depois de adulta, reclamam que não aprendeu nada. Portanto, é nítido perceber a valorização que essas mulheres dão a educação, pois muitas não frequentaram ou se frequentaram a escola em poucas vezes devido a criação que tiveram ou até mesmo pela condição econômica que viveram em suas épocas. Mesmo não tendo completado os seus estudos essas mulheres acreditam que sem a educação as pessoas não conquistam um bom emprego, e com isso muitas falam da satisfação em seus filhos ter frequentado ou estar correndo atrás de uma formação, ou até mesmo em terminar o ensino médio,

pois veem que já têm outro tipo de entendimento sobre as coisas e até de poder assinar o próprio nome por completo.

No ano de 1996, a estrutura das escolas da comunidade começou a mudar, passando de casas de pau-a-pique, para construção com alvenaria dando assim melhoria para as escolas da comunidade. Anos atrás quem mais lecionava para os jovens da comunidade, eram pessoas vinda da cidade, mas de um certo tempo para cá, a comunidade vem contando com professores formados em áreas específicas e que são moradores da comunidade, sabendo assim lidar com as especificidade da comunidade, afinal são filhos dela.

As depoentes são convictas que ter escolas na comunidade é de tamanha importância, pois atendem um número significativo de jovens da comunidade. As escolas presentes na comunidade atendem os ensinamentos do fundamental ao médio, evitando assim um número maior de evasão dos jovens para cidade, para assim poderem terminar os estudos.

III.2.8. Associações

Na comunidade Vão de Almas, não há uma associação dentro da comunidade que atendem as demandas da comunidade. Existem três associações estruturadas no município de Cavalcante de Goiás, que representam a comunidade Vão de Almas e também as demais comunidades pertencentes ao município.

Em se tratando de representatividade, a Associação AQK representa os três municípios (Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás). As associações existentes contam com a participação de egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo. AQK é uma associação que tem como presidente Vilmar de Sousa. As associações AKC e EPOTECAMPO têm como presidentes duas mulheres jovens.

A Associação EPOTECAMPO (Associação da Educação do Território Kalunga e Comunidades Rurais, dos Municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre- Goiás- Educação, Povo, Terra e Campo), surgiu em 29 de julho no ano de 2012, tendo como primeiro presidente Vilmar de Souza. Ela surge das demandas dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, criando assim esse meio de melhor atuarem no território Kalunga. Vencendo o mandato, onde houve eleições,

sendo aleita Wanderleia dos Santos Rosa, que exerceu o cargo de dois anos, mas que após esses dois anos foi lançando o edital para formação de novas chapas, porém, ninguém se prontificou. Havendo uma reunião, não compareceram um número maior de pessoas e as que compareceram não se prontificaram a assumir o cargo, permanecendo assim os mesmos componentes da chapa anterior. Ou seja, há três anos Wanderleia está no cargo de presidente da associação. A Wanderleia é uma mulher que ocupa a função de presidente de uma associação, é mãe, professora, coordenadora pedagógica de uma escola municipal, sempre está em busca de novos conhecimentos, pois além de ser formada na Ledoc, fez especialização ela ainda continua estudando.

Em Julho do ano de 2018, será preciso a realização de campanhas para que outras pessoas possam assumir o cargo da presidência da associação. Essa associação representa o território Kalunga e comunidades rurais dos três municípios, e também os egressos e professores e estudantes, dando apoio a área da educação. O principal objetivo da EPOTECAMPO é trabalhar na área da educação, onde ela visa a busca por políticas públicas que atenda as comunidades quilombolas em prol de melhores condições para a educação do campo. As ações realizadas pela EPOTECAMPO devem atender aos três municípios (Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás). A sede da associação se encontra no município de Cavalcante de Goiás, mas a mesma se desloca até os municípios para a realização de reuniões do que for necessário, não ficando assim operante apenas em um município.

A associação Quilombo Kalunga (AQK), é conhecida como a associação mãe, pois é ela quem representa o território dos três municípios, tendo em seu nome as fazendas e terras, representando assim todo povo Kalunga, buscando a proteção do território para que grileiros devolvam o que não lhes pertence e nem se apossam do que não são seus. Ou seja, a associação mãe também é um auxílio as demais associações, pois ambas trabalham em prol do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, em defesa de povos oriundos de pessoas escravizadas que até os dias de hoje lutam em defesa de seus espaços de habitação. A associação mãe surgiu no ano de 1999, e o seu surgimento é a garantia de conquistas e lutas entre grileiros e até mesmo de moradores das comunidades que as vezes entram em disputa por terras. Tendo um presidente para ajudar a resolver possíveis desavenças dentro das

comunidades, é uma garantia de que quem atua conhece o espaço do qual seu povo deve ocupar e lutar para garantir.

A então Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) foi fundada no dia vinte e seis de agosto de dois mil e quatro (26/08/2004). Essa associação representa os membros da comunidade Kalunga do município de Cavalcante- Goiás, com o dever de apoiar a associação mãe (AKC) conforme seu estatuto. A AKC, surge para como forma de auxiliar a comunidade Kalunga nas suas formas de organização política e social, promover o desenvolvimento econômico e sócia de caráter coletivo através do fortalecimento da comunidade, fiscalizar e avaliar as ações dos governos federal, estadual e municipal, administrar as terras coletivas, etc. Ou seja a associação AKC, tem como caráter apoiar e representar os membros Kalungas e a própria comunidade no município de Cavalcante e também fortalecer, proteger e organizar as manifestações culturais do povo Kalunga, juntamente unida as demais associações ela se encarrega de conduzir a comunidade em diferentes necessidades apresentadas pelos membros e também do que lhes pertence, mas que se não tomar cuidado podem perder o direito conquistado.

A Associação Kalunga Cavalcante é representada por uma mulher que assim como tantas outras ocupa de outras funções além da presidência da associação. Eriene dos Santos Rosa é mãe, dona de casa e professora quando necessário, mas que antes de assumir a presidência da associação sempre esteve engajada dentro da associação como secretaria, e no ano de 2017 ela concorre a presidência da associação no dia vinte seis de agosto, e acabou ganhando da chapa concorrente que tinha como representante um homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi de fundamental importância, pois ao entrar no Curso de Licenciatura em Educação do Campo tinha comigo um olhar sobre nós mulheres Kalungas e negras, muito na perspectiva do patriarcado, mas que durante as aulas pude compreender melhor esse sistema que nos reprime e que faz nos seguir ideologias que não nos valoriza como mulher, mas que cria espaços com intenção de nos diminuir.

No entanto, por mais que este sistema exista, mulheres são capazes de conduzir suas vidas numa perspectiva do bem da sua família, e onde buscam burlar caminhos para melhor seguir a vida. Assim acontece com as mulheres Kalungas que mesmo diante das dificuldades e com divisão de trabalho entre elas, conseguem desenvolver suas vidas dentro da comunidade Vão de Almas e também fora dela. Essas mulheres com cargas de trabalhos triplos são todas guerreiras, pois por mais que não seguem a mesma rotina das gerações passadas, elas representam também o alicerce de desenvolvimento da comunidade e sua preservação em várias dimensões. Seja na cultura, no desenvolvimento do trabalho ela sempre está disposta, diante de seus afazeres e fazeres em prol do bem da família, seja na economia ou em qualquer espaço, ela sempre está.

Mas isso que as mulheres realizam aparece como algo que é de seu dever realizar, mas que sendo um dever ou não elas fazem e acontece, porém, não é reconhecido pois já está tão naturalizado a divisão dos afazeres que elas parecem invisíveis naquilo que realiza. Vejo que falar das mulheres é algo mais que precioso e necessário, pois somente assim podem ser percebidas como mulheres Kalungas e negras que são e foram capazes de quebrar barreiras para assim conduzir o seu grupo de crianças, jovens e homens, sempre na perspectiva de seguirem juntos.

São mulheres que, além de seus afazeres são grandes mulheres merecedoras de respeito e reconhecimento não pelo o que faz, mas sim mulheres que possuem sua história de vida e que guardam consigo saberes que perpassam a cozinha, ou qualquer espaço da casa, e que também anseiam ser vistas com outros olhos.

Falar da mulher Kalunga com um olhar afrocentrado é dizer que são mulheres que têm ancestrais que foram escravizados, ou seja, essas mulheres possuem laços

com a África, afinal foram de lá que foram traficados africanos e africanas para serem escravizados/as no Brasil, deixando assim suas marcas as gerações futuras.

ANEXO 1

QUESTÕES DE PESQUISA

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Onde você nasceu?
4. Qual seu estado civil?
5. Casou se, com quantos anos? O seu casamento foi arranjado pelos seus familiares?
6. Seu esposo é dessa comunidade?
7. Tem filhos? Quantos? Já tem netos? Quantos? Nasceram todos aqui?
8. Dê onde são seus pais? Moram / moraram nesta comunidade?
9. Qual é a sua profissão? Qual o seu grau de escolaridade? Frequentou à escola, sim/não por quê?
10. Quais trabalhos são desenvolvidos pelas mulheres, e quais desenvolvidos pelos homens?
11. Você concorda com essas divisões de tarefas entre meninas e meninos? você criou o seus filhos/as assim?
12. Quais trabalhos você desenvolve dentro de casa? Seu companheiro ou filhos participa?
13. Você ajuda seu esposo/filho nos trabalhos desenvolvidos por eles/ Quais? Qual a sua participação no sustento da casa?
14. Você sai para trabalhar fora da comunidade, nos municípios vizinhos? Quais trabalhos desenvolve? O seu esposo ou filho sai para trabalhar fora?
15. Quem faz os trabalhos do homem quando ele se ausenta de casa?
16. Quando seu esposo viaja, você costuma sair de casa para dormir na casa do vizinho ou parente? Por quê?
17. Quais culturas predomina na comunidade? Gosta/pratica alguma dessas culturas? Quais?
18. Qual a importância dessas culturas para você e a comunidade?
19. Qual a sua participação no desenvolvimento da comunidade? Participa de alguma associação na comunidade ou em algum município vizinho?

20. Comparando a sua criação com seus pais e a criação que você dá para seus filhos/as são parecidas?
21. Qual a sua religião? Qual a importância de tê-la? Tem alguma devoção por algum santo? Qual?
22. Cresceu tendo essa religião como base, ou se aproximou depois de já possuir família?
23. Costuma participar da romaria da comunidade? O que essa romaria representa para você? Qual ajuda costuma oferecer para os festeiros?
24. Você possui um quintal. Quem faz os cuidados com os quintais? Sendo um terreno pequeno, o quintal tem alguma representatividade para você? Qual?
25. Qual a sua relação com a mata? Conhece alguma árvore presente na mata? Quais? Qual a serventia da mata para você?
26. Você usa água encanada ou vai ao rio? É longe ou próximo da sua casa? Quando construíram a casa, tiveram a preocupação com a presença de água próximo? Qual o nome do rio que você utiliza? É banhado por outro rio? Há abundância de água, peixes no rio? Mudou alguma coisa com o decorrer dos anos?

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel G. Os Movimentos Sociais e o Conhecimento: Uma Relação Tensa. In: CADERNO DO ITERRA. Ano VII-nº14-1º Edição. Veranópolis/RJ: Iterra: 2007

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: __ Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora/ Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) cap. 3 p. 93-110.

BASTOS, Dani. A Mulher Negra e Parda na Sociedade Brasileira. In: _____. Matriarcado e Fé: A História de Mãe Fátima de Oxum. Recife: Editora Universitária, 2014. p. 16-25.

BAIOCCHI, Maria de Nasaré. Kalunga POVO DA TERRA. Goiânia, 2006, p.83.

CRESWELL. John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e técnica desta edição Dirceu da Silva – 3 ed.- Porto Alegre; Artmed, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: ____ Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. _3.ed., 3.reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013. p., 257-264.

DOVE, Nah. Mulherismo Africana: Uma teoria Afrocêntrica. Tradução: AGUDÁ, Wellington. Jornal de Estudos Negros. Vol.28, Nº5, Maio de 1998

FERNANDES, Cecília Ricardo. O que queriam os Kalungas? A transformação do olhar acadêmico sobre as demandas quilombolas do nordeste de Goiás. Jul/dez. 2015.

GONZALEZ, Léila. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 29-47.

GOMES, Maria da Silva. Etnobotânica e territorialidades negras urbanas da Grande Belo Horizonte: terreiros e quintais. In: ____ Coleção “Negras e Negros: Pesquisas e Debates” Coord: Tânia Mara Pedroso Müller. p. 278-302.

LEITE, Miriam Moreira (org.). A Condição Feminina no Rio de Janeiro, Século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; Editora da

Universidade de São Paulo; [Brasília]:INL,Fundação Nacional Pró-Memória,1984.(Estudos Históricos:4).224 p.

LIMA, Vivaldo da Costa. As Dietas Africanas No Sistema Alimentar Brasileiro. In___Fases da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. /Carlos Caroso, Jeferson Bacelar[organizadores]. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA:CEAO,1999. p.319-325

MAESTRI, Mário. Comunidades de Escravos Fugidos: As fugas de trabalhadores escravizados e a formação de quilombos no Brasil escravista. In:___ Uma história do Brasil: Colônia.3°. ed. São Paulo: Contexto,2002, p.10

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma.In:___Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora/ Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro,2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) cap. 4 p. 111- 127.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. As Mulheres quilombolas de Tijuáçu-BA: Vivências Cotidianas, Trabalho e Enfrentamentos.Cordis. Mulheres na História, v.2, São Paulo, n.13, p.109-128, jul./dez.2014. ISSN 2176-4174.

MOLINA, Mônica Castagna. Análises de Práticas contra-hegemônica na formação de Educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo.p.24.

MUKASONGA, Scholastique. A mulher de pés descalços. Título original: La femme aux pieds nus. Tradução: Marília Garcia. São Paulo: Editora Nós, 2017. P.160

NASCIMENTO, Beatriz. O Conceito de Quilombo e a Resistência Afro-Brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Cultura Em Movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2008, p.71-91.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Tramas e Dramas de Gênero e de Cor: A violência doméstica e familiar contra mulheres negras. Brasília: Brado Negro, 2016. p. 200

SARTI, Cynthia Andersen. A Família Como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados,1996.

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araujo. Ser Mulher nas Comunidades Quilombolas; vivencias relacionadas à família e ao trabalho. In: Seminário Enlaçando Sexualidades

Souza, Patrícia Borda de; ARAÚJO Klairiene Andrielly. A Mulher Quilombola: da invisibilidade à necessidade por novas perspectivas sociais e econômicas. **Publica Direito**. p.20.

THEODORO, Helena. Mulher Negra: Sua História.In:_____ Mito e Espiritualidade: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas ed.,1996, p. 25-44.

_____ Sua arte.In:_____ Mito e Espiritualidade: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas ed.,1996, p.117-162.